

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2255

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

SEXTA FEIRA, 9 DE ABRIL DE 1925

O SIGNIFICADO DO 9 DE ABRIL

Como nos anos anteriores, comemora-se hoje patrioticamente a data de 9 de Abril, que é de derrota, e que os nacionalistas sectários pretendem à viva força fazer entrar na História de Portugal, como data gloriosa.

O patriotismo cego, absurdo, tem destas contradições: proclamar acto glorioso uma sova que se leva, por incúria, por falta de organização, por desleixo nacional.

Estas comemorações patrióticas contêm sempre muito de odiosamente raccionário e regressivo. Estes minutos de silêncio vãos de significação racional, impostos a uma população indiferente, visam a introduzir no espírito popular um religioso sentimento de respeito pelos mortos, de medo ao além, que torna os homens moldáveis a todas as imposições absurdas da autoridade.

Estas comédias patrióticas que se impõem para não serem racionadas por aqueles a quem são impostas, favorecem a reacção católica, mãe de todas as reacções conservadoras. Agitando o espectro dos mortos que tombaram na guerra, devido a rivalidades de cofres fortes, os padres aproveitam o ensejo para, explorando a saúde e o sentimentalismo de um povo, o levarem a ajoelhar submisso e contrito perante os ridículos ídolos da Igreja. E' nestes dias que as missas e as festividades religiosas se multiplicam. Não há solenidade patriótica onde o padre não se introduza a explorar a vaga crença nacionalista. A espada e a cruz deram-se sempre bem, porque uma significa a submissão brutal e violenta e a outra a castração do espírito.

Faz hoje anos morderam convulsamente as neves sinistras da Flândres alguns soldados sem culpas

que foram inconscientemente arre-messados para a guerra, a fim de garantir negócios da Furness e manobras internacionais do capitalismo. Enquanto portugueses e alemães, irmãos em humanidade, tombavam ensanguentados, políticos e financeiros, a coberto de todos os perigos, faziam cálculos, sonhavam a posse dos carvões do Ruhr ou do petróleo de Mossul. E um ou outro desgraçado que ao dar heroicamente a sua vida, o fazia na ilusão vã e linda de bem servir a sua terra apenas fazia peso com o seu cadáver na balança dos negócios que se realizavam à custa do seu sacrifício.

A guerra é um negócio. Gerada por um critério falso de fronteiras que dividem os homens e acendem ódios entre os povos, ela tem sido hábilmente explorada por criaturas que, não arriscando a pele, se limitam a colher os lucros da carnificina.

O povo ainda não esqueceu os anos de pesadão da grande guerra. Enquanto seus filhos, longe dos seus entes queridos, se batiam pelos interesses capitalistas mundiais, a burguesia em Portugal, bem instalada, negociava com a fome das populações. Fortunas colossais fizeram-se durante esse período de sofrimento e angústia. Enquanto o povo passava fome, havia quem se banquetesasse pantagruêlamente. E são esses que se banquetearam e outros que se deixaram obsecar por um chauvinismo estreito e incompreensível que pretendem agora obrigar uma população que tanto sofreu, sem culpas, a conservar-se reverente perante ídolos mentirosos, e a guardar dois minutos de silêncio em homenagem a uma guerra fratricida que merece um século de protestos.

POLITICA & ROUBO, L.DA

UM EX-PRESIDENTE DE MINISTERIO E UM EX-ADMINISTRADOR DE CONCELHO ENVOLVIDOS NA BURLA DAS "SÉRIES RECUPERÁVEIS"

Do *Diário de Notícias*, órgão oficial da famosa burla das «Séries recuperáveis», transcrevemos de entre os 12 anúncios de burles que ontem publicava o seguinte que é bastante curioso e elucidativo:

Capital instantâneo
Praça Luís de Camões, 22, 2.º D.º
20 contos
5 contos
1 conto
250 escudos

A TODAS as pessoas que se inscrevem na nossa casa. Abaixo ser-lhe-á dada a única casa legalmente constituída e registada. Inscrevam-se hoje mesmo. Nenhum dos escritórios instalados neste 2.º andar tem ligação com a nossa casa, sendo o Sr. L. Pinto única e simplesmente senhorio.

O sr. L. Pinto, a quem o anúncio se refere, é o sr. Liberato Pinto, antigo dono da G. N. R. e, portanto, dono militar da cidade de Lisboa, e antigo presidente do ministério. Como os leitores devem estar recordados, esta figura de destaque na política do país foi um dia preso e escurado da G. N. R. por ter cometido várias negociações sobremaneira escandalosas. De então para cá a sua carreira política pode considerar-se naufragada, tendo sido o seu canto do cisne a revolução de 19 de Outubro e o jornal que ele possuía a *Imprensa da Manhã*, financiada pelo odioso capitalista internacional Alfredo da Silva.

O anúncio nem se atreve a publicar o nome do sr. Liberato Pinto; chama-lhe apenas o sr. L. Pinto.

As informações que nós temos dizem-nos que aquela «ratoeira» da praça do Camões tem como testa de ferro um tal Manuel Mendes. Esta criatura presta-se a servir de cabeça de turco. E' o seu nome que aparece a público ligado àquele infamíssimo conto do vigário; será ele amanhã, quando aquela autêntica e refinada gatunice desabar, quem será apodado de burlão. E na sombra ficarão cobardemente, jesuiticamente ocultas as figuras dos dois principais proprietários: o sr. Liberato Pinto e o tenente sr. Viegas Lata.

Aqueles dois proprietários da casa das «Séries Recuperáveis» da praça do Camões supunham que se retirariam ricos e felizes, com os bolsos atalhados do dinheiro extorquido, por um processo digno de cadastros, a muitos milhares de vítimas. Só o tal Manuel Mendes é que ficaria com o odioso. Mas, enganam-se.

E' que se toda a imprensa se conserva silenciosa, corrompida pelo dinheiro dos burles, o mesmo se não dá com a *Batalha*—único jornal que acode em auxílio duma população ameaçada por um ludíbrio atrevidíssimo. E daí o sermos nós quem escarpamos os nomes dos verdadeiros autores duma das muitas ratoeiras actualmente existentes em Lisboa.

Fá-lo com a certeza de que eles não serão metidos na cadeia—visto que esta só se constitui para os que não têm a habilitação de se colocar à margem das sanções do Código Penal.

As duas personalidades que roubam o próximo na praça do Camões gravitaram em tempos nas esferas políticas. A do sr. Liberato Pinto é demasiado conhecida, dis-

pensando-nos porisso de a referirmos. A do tenente Viegas Lata teve apenas um minuto, um relâmpago fulgurante—um relâmpago de fulguração... sangrenta: há anos, quando administrador do concelho do Seixal, assassinou, em pleno dia, no Cais do Sodré, a tiros de pistola, um comerciante daquela vila. Este seu gesto acarretou sobre ele um ódio profundo—ódio que mais tarde no 19 de Outubro lhe ia roubando a vida cobardemente, visto que o foram buscar à prisão para o matar. Salvou-se desse ódio que se exteriorizou miseravelmente—precipitando-se duma janela da prisão para a rua.

De então para cá seu nome nunca mais figurou no plano secundário da política e aparece agora envolvido nas «Séries Recuperáveis». Estas duas personalidades entregavam-se, e provavelmente antes de terem aberto a ratoeira do Camões, a vários negócios.

Na segunda-feira transacta inaugurava-se uma das «séries recuperáveis». Na avidez de serem os primeiros, visto que só estes têm teóricamente algumas probabilidades de ganhar dinheiro, a «bicha» em volta da ratoeira começou a organizar-se à meia noite de domingo último. A «bicha» tomou rapidamente tais proporções que chegou a ser requisitada polícia. No dia seguinte, os que se encontravam à frente da «bicha» verificaram, com espanto, que a inscrição já estava elevada ao número 1.139!

Ora, nessa altura, ainda não tinha entrada ninguém na ratoeira. As 1.134 inscrições eram inventadas! De modo que o que estava desde a meia-noite à cabeça ficava sendo o 1.135 inscrito. Para receber o prémio tinha que aguardar que fossem passadas 2.837.500 senhas—sem meter em conta as muitas possibilidades de falcatrua existentes. E como a população da cidade não atinge 500.000 pessoas, para que houvesse um prémio seriam necessárias seis cidades tão populosas como Lisboa e com a condição de não ficar um único habitante por burlão. Querê dizer: nunca receberia vintém!

A roubalheira evidenciou-se tão descaradamente que houve grande chiffrim na ratoeira, sendo no meio d'ela rasgada a tal inscrição. E' claro que o tal Mendes é que levou roda de burlão e de gato e de vigarista—enquanto, na sombra, as duas personagens a que acima aludimos se riam cinicamente dos que se deixam roubar por estas quadrilhas de nova espécie.

O que dissemos desta ratoeira aplica-se a todas as outras, porque as «Séries Recuperáveis», como ontem demonstrámos, são uma lógica indutível dos números, são uma autêntica burla.

Da «Equitativa, Limit.», da rua da Palma, 272 C, a que nos referimos, de passagem, no nosso primeiro artigo, recebemos uma carta que não publicamos na íntegra, visto não nos interessar a apologia do método de negócio que nela é feita. Por dever de lealdade diremos que nela se afirma que a «Equitativa, Limit.» nada tem que ver com as «Séries Recuperáveis». De resto esta é a declaração que mais pode interessar a firma que nos escreveu.

NOTAS & COMENTARIOS

Uma vulgaridade

Uma colaboradora do *Diário de Lisboa* que de quando em vez dá a beber aos seus leitores um chá das coisas requintado e fraco—e que por ser fraco faz mal aos nervos—espojava-se de admiração perante a figura de Mussolini, lamentando que uma mulher o tivesse ferido no nariz. A referência da colaboradora tem a impressão de que o «duce» deve fascinar as mulheres, porque «estas gostam do homem que sabe mandar». Tomamos nota deste vulgar pavor de psicologia feminina que a cozinheira do chá fornece aos seus leitores, mas sempre lhe vamos dizendo que, salvo raras excepções, desde que o mundo é mundo as mulheres nunca gostaram senão dos homens que sabem mandar. Sim, mandar é a função do homem...

Desinteresse

O dr. Catão de Menezes concedeu ante-ontem à Noite uma entrevista acerca do problema do inquilinato. E como o sr. Catão é o director da gazeta para quem falava, o entrevistado entendeu dever engraxar-lhe as botas com esta frase de efeito: «Catão de Menezes é um grande parlamentar e um grande patriota. Ao contrário de muitos políticos p'ra cima da sua pessoa os interesses da nação... Bonito, hein? Vejam os leitores como o grande patriota foi para o Banco Ultramarino pôr os interesses da pátria acima dos seus interesses pessoais...»

Sabiam quantos...

O Asilo Maria Pia criou uma biblioteca para os asilados. E' uma ideia louvável que da nossa parte, que tanto pugnamos pela difusão da educação, merece os mais rasgados e sinceros elogios. Mas o aludido asilo luta com uma grande dificuldade: a

falta de fundos para a compra de livros. No intuito de vencer este entrave dirigiu-se aos editores e escritores portugueses pedindo-lhes a remessa de obras de leitura. Aqui nos fazemos eco desse pedido, certo de que os visados saberão corresponder-lhe.

Angola e Metrópole

O conselheiro Alves Ferreira, cujas costas temos deixado folgar por alguns dias, está irritado e não recebe reporters. Pretende isolar a opinião pública dos seus trabalhos e não quer que os jornalistas leiam no seu rosto a grande atropalhada que lavra no seu íntimo. Entretanto, sabe-se que os peritos que estão examinando as escritas do Angola e Metrópole e da firma Alves Reis, Ltd., não só as acham correctas como das melhores que no género se fazem. Vão lá entender estas coisas!...

Boatos

Durante a madrugada de ontem circularam alarmantes boatos de revolução e a polícia tomou medidas preventivas. Foram encerrados todos os cafés e clubes. As ruas assumiram um aspecto sinistro porque a polícia andava aos bandos armada de carabina. Durante o dia de ontem os boatos persistiram embora com menos intensidade e à noite as medidas de prevenção voltaram a ser tomadas. Afirmava-se para aí que não havia revolução na forja, mas apenas mais um fim ensaiado pelo António Maria...

Memórias de um polícia

A *Batalha* vai em breve iniciar a publicação de uma série de factos absolutamente inéditos, verídicos e sensacionais, que se intitulam Memórias de um polícia.

OS TABACOS

Os pareceres das comissões parlamentares proclamam para o pessoal das fábricas um triste regime de miséria

A Câmara dos Deputados vai hoje iniciar a discussão dos pareceres das comissões parlamentares sobre a proposta do sr. dr. Marques Ouedes, ministro das Finanças, que preconiza como regime de fabrico de tabacos a «Regie». O «bolo tabaqueiro» vai assim ser disputado. Quem triunfará? Não o sabemos. Apenas o que não ignoramos é que nesta peleja os operários serão os únicos lesados, os únicos com quem não se contará, a pesar de a eles se dever tudo quanto de sorridente tem o «bolo tabaqueiro».

E dizemos que os únicos lesados serão os operários, depois de termos num relance os pareceres que o Parlamento vai discutir. Nesses pareceres nem uma simples regalia que possa tornar menos sombrio o futuro desses milhares de trabalhadores. Nesse extenso trabalho, de setenta e quatro páginas, nem uma leve esperança que anime esses desgraçados.

Apenas esta coisa charra, insipida: «ao pessoal operário e não operário serão respeitadas as regalias que gosava à data da terminação do contrato que concede à Companhia dos Tabacos de Portugal o exclusivo do fabrico.»

Mas que regalias gosa o pessoal? Aqueles que mais de uma vez fizemos salientar nos nossos artigos: a regalia de trabalhar 60 e 70 anos e ao cabo de tão longa jornada receber como reforma a irrisória verba de 5500!

E note-se que nem todo o pessoal tem direito a esta «grande» concessão. Direito à reforma de 5500, depois de 20 anos de serviço e 60 de idade, só tem o pessoal da «Regie», isto é, o pessoal que veio do antigo regime para o monopólio privado. O outro, considerado extraordinário, e que forma a grande maioria do pessoal, não tem direito à reforma: tem apenas o direito de morrer de fome depois de um trabalho exaustivo!

Mas mesmo aqueles trabalhadores que têm direito a reformar-se aos 20 anos de serviço não o fazem porque 5500 não lhes chega para as mais ingentes necessidades. Porisso eles arrastam-se para as fábricas de Lisboa e Porto 50, 60 e 70 anos, arrastam-se para esse tesouro tão cobido pelos Pereiras da Rosa, até não poderem trabalhar.

Depois a situação do pessoal extraordinário. Alguém se lembrou de que o pessoal referido ainda está em condições de inferioridade perante o pessoal da «Regie». Sim, porque é bom que não esqueça que um quilo de tabaco manipulado por um operário da «Regie» é pago por 10, enquanto que o mesmo quilo de tabaco manipulado por um operário do pessoal extraordinário é pago apenas por 6. E porque se faz assim? Porque quando foi concedido à Companhia dos Tabacos de Portugal o exclusivo do fabrico, no respectivo contrato ficou consignado que ao pessoal operário e não operário que pertencia ao regime anterior lhe fossem respeitadas algumas regalias, entre as quais se encontra a da remuneração do trabalho. Como para ao pessoal admitido pela Companhia não pode ser imposta igual situação resultou que a Companhia contratou esse pessoal em condições inferiores.

Era para esta diferença de tratamento que se olharia se, de facto, a miséria dos operários merecesse o respeito daqueles que nunca souberam o que é não ter um pão em casa para comer, o que é não ter um fato para cobrir as carnes ou uma casa para abrigo!

Vai o Parlamento ocupar-se do regime dos tabacos para quê? Apenas para fazer terminar o monopólio privado e ferguer o monopólio do Estado, a «Regie», para nele se agitearem muitos meninos! Da miséria de 7.000 trabalhadores não se curou. Disse-se apenas aos delegados do pessoal, em voz terna, que o pessoal não ficaria esquecido, que o pessoal seria tão beneficiado. E alguns benefícios vão aparecer, mas deles não participará o operariado e os empregados das fábricas.

Estes ficariam como estavam, disse temos a certeza, a menos que eles se resolvam com energia fazer erguer os seus protestos contra as duas categorias—«Regie» e extraordinário—e contra a afrontosa reforma de 5500 que obriga esses farrapos humanos a transporem diariamente os velhos portões da «Lisbonense» e da «Xabregas» em Lisboa, e da «Portuense» e da «Lealdade», no Porto.

Ah! mas nós não nos calaremos se as cãs desses honrados trabalhadores forem ultrajadas!

A ARTE E OS ARTISTAS

A exposição de Eduarda Lapa no salão Bobone

Os que se elevam à custa do seu esforço merecem-lhe sempre grande simpatia e carinho. D. Eduarda Lapa, que expõe agora os seus quadros no salão Bobone, é um exemplo admirável de persistência, de confiança nas suas qualidades que vão desabrochando pouco a pouco, mercê do seu trabalho incansável.

Conheço-a há muitos anos, ainda ela não expunha nem lia o seu nome nos jornais. Era uma sonhadora. Suas aspirações mais íntimas cifravam-se na realização de uma obra perfeita. Pintava então uns quadrosinhos modestos onde havia muito desejo de alcançar um ideal superior e belo, e pouco, pouco de sabedoria, de técnica que desse forma pura às suas aspirações puras. Entretanto, notava-se que, a despeito da pouca agilidade do pincel, ela sentia, ela tinha uma sensibilidade requintada que um dia, expurgada das deficiências da aprendizagem, e da falta de técnica, assumiria formas belas e aceitáveis.

Eduarda Lapa nunca desanimou, persistiu sempre. Por vezes, o triunfo está mais na teima irredutível do que no talento. E felizmente, a jovem pintora possuía as duas qualidades de triunfo: a teima e o talento.

Seus primeiros quadros expostos no Palácio das Belas Artes, de mistura com outros que os ofuscavam, não foram notados. Notei-os eu, com carinho, porque sabia o esforço que representavam. Mais tarde abalçou-se a artista a fazer uma exposição sózinha. E então, embora hesitante ainda, já soube exprimir melhor pelo colorido das suas telas, os seus dotes espirituais.

Agora aparece-nos, inesperadamente, numa forma que não sendo perfeita, é, entretanto, muito apreciável. Já tem estilo certo, se bem que não muito pessoal, mas seguro. A visão da cor é muito mais delicada revelando um temperamento terno.

Ora, Eduarda Lapa não frequentou escolas. Teve uma aprendizagem deficiente e mal orientada. Mas de todas essas dificuldades a sua persistência no trabalho tem triunfado airoso. A amizade não me cega ao ponto de não ver seus defeitos artísticos. E se lho aponto é na intenção de lhe ser útil porque estou certo, e disso tem a artista dada provas, ela encontrará na sua inteligência recursos abundantes para emendar-se.

Os retratos a pastel são os seus quadros mais fracos. Têm um aspecto de oleografia que está longe de dar uma agradável impressão ao visitante educado. Demasiado acabados, esses retratos ressentem-se de uma preocupação fotográfica, industrial que não cabe num ideal superior de arte.

Em regra, D. Eduarda Lapa sente-se mais à vontade na paisagem do que na figura. O seu melhor quadro de figura é o *Pastor*, da Serra da Estrela. Na paisagem, aparte um ou outro quadro mais antigo e hesitante, destacam-se a *Pochade n.º 6*, que é interessante na cor e na síntese da pincelada, a *Manhã no Lis*, cujos longos são bem trabalhados e contrastam com o amaneirado bem dispensável do primeiro plano. *Sóito* (Viseu) um pouco monótono, e o *Entardecer no Lis*, o melhor, embora tenha ainda um leve, um imperceptível sabor a oleografia.

Também a artista se dedica à pintura de flores, infelizmente muito banalizadas por todas as meninas que pintam ou sarapintam horríveis almofadas para sala de visitas. Neste género, *Mimosas* é o quadro que reúne a delicadeza da cor um louvável intuito de composição.

De uma maneira geral, a exposição é agradável e merece rasgados louvores pelo

esforço que representa. Em poucos anos, assistida apenas pela sua vontade e pelo seu talento, Eduarda Lapa conseguiu exprimir com facilidade os seus melhores sentimentos. Desenha com correção, embora não seja o desenho a sua especialidade; maneja as tintas facilmente. Necessita agora começar a preocupar-se com a beleza superior do estilo, modernizando a sua pintura. Para isso, as melhores escolas de D. Eduarda Lapa pode frequentar são a da observação dos métodos seguidos pelos pintores modernos mais em evidência e a visita a meios artísticos superiores, como Paris e Berlim. Estou convencido de que no seu regresso suas qualidades artísticas virão tão desenvolvidas e diferentes de aspecto, que a artista, ao contemplar a sua obra actual, exclamará, sorrindo:

—Que estreitos, eram e que largos são agora os horizontes da minha arte!

Mário DOMINGUES

A conferência dos trabalhistas independentes

LONDRES, 8.—Houve uma sessão muito movimentada na conferência do partido trabalhista independente, em Wobley Bay, quando se discutia a orientação a seguir. Os delegados opinavam que a luta de classes se acentua, mostrando que a ordem conservadora está destruída e condenando a lentidão da acção dispendida pelo partido trabalhista oficial. Aproveitou-se uma moção que recomenda a imediata constituição de uma comissão destinada a fixar os salários segundo o mínimo necessário à vida. A orientação dos salários variáveis compreende igualmente a nacionalização dos caminhos de ferro, das minas e da energia eléctrica. Após a aprovação de uma moção referente aos funcionários do partido, o secretário geral foi ameaçado com a demissão.—(H.)

Uma explosão de petróleo

SAN LUIS BISPO (CALIFORNIA), 8.—Quatro reservatórios, contendo 3.700.000 litros de petróleo, atingidos por uma farsca, incendiaram-se e explodiram, sacudindo toda a cidade e quebrando os vidros a todas as janelas. Os operários esforçam-se por preservar de idêntico desastre 53 pequenos reservatórios que se encontram próximo.—(H.)

Os franceses e os espanhóis discutem as propostas de paz de Abd-el-Krim

PARIS, 8.—Os governos francês e espanhol, examinando atentamente as recentes propostas de Abd-el-Krim para enviar emissários a fim de receber e discutir as condições de paz, e os serviços interessados, esforçam-se por dar andamento a essa proposta, a fim de apressar, na medida compatível com a segurança superior da França, um acordo pacífico sobre o conflito marroquino. Os dois governos negociam actualmente a adopção duma atitude comum nas negociações, que terão lugar, provavelmente, em Rabat, e estudam as precauções estratégicas que devem proceder as negociações, para no caso dum fracasso, e continuam a afirmar a sua vontade de tratar igualmente com os chefes de todas as tribus rebeldes, e não só com Abd-el-Krim.—(H.)

O conflito marítimo

Uma nota oficiosa da comissão de «demarches»

Pedem-nos a publicação da seguinte nota:

«Decorrem os dias sem que os oficiais queiram entrar em negociações para a solução airosa do conflito. Tal atitude é absolutamente contrária aos interesses económicos do país.

A sua intransigência, que contrasta com a correcção dos grevistas, chega ao cúmulo de oficiais irem fazer os serviços das chamadas classes inferiores, não querendo saber neste momento daqueles preconceitos de hierarquia que tanto querem fazer respeitar nos outros.

Repudiamos a doutrina da nota oficiosa da Liga dos Oficiais, que demonstra a sua pretensão de não estar contestado, incompatível com a nossa época. Não se lembram os oficiais que sendo trabalhadores se podem ferir com uma arma de dois gumes.

Fácilmente esqueceram os oficiais a solidariedade que em 1921 lhes foi prestada pelas outras classes.

As responsabilidades do conflito cabem à Liga dos Oficiais, visto que as outras classes estão dispostas a trabalhar.

Esta comissão espera que a classe saiba corresponder à afronta que lhe foi infligida.—A comissão de demarches»

As resoluções dos marinheiros e moços da marinha mercante

Para apreciar o conflito marítimo reuniu a classe dos contramestres, marinheiros e moços da marinha mercante, na sede do seu sindicato, tendo aprovado a seguinte moção:

«Considerando: que se pretende especular com o conflito marítimo ao ponto de se fazer questão aberta do embarque dos tripulantes por intermédio dos sindicatos, com o único fim de se cometerem prepotências que, embora desconhecidas do público, já são bem visíveis; que esta classe nunca teve, nem tem o critério de que o engajamento dos tripulantes por intermédio dos sindicatos sirva para impor qualquer indivíduo contra a vontade de quem se admite, reconhecendo, portanto, ao capitão o direito de recusar aquele tripulante que não seja de sua vontade; que a inscrição do pessoal desembarcado desta classe e o embarque desse pessoal por intermédio do seu sindicato apenas tem como objectivo o evitar que se especule com a colocação dos marítimos e dividir tanto quanto possível o trabalho por todos os tripulantes sem prejuízo dos direitos conferidos aos oficiais da marinha mercante;

Os contramestres, marinheiros e moços da marinha mercante portuguesa, reunidos em sessão magna para apreciar a greve dos oficiais e o «lock-out» dos armadores, resolve:

1.º Defender todas as regalias até hoje conquistadas.

2.º Manter a inscrição dos desembarcados, com os fins mencionados no segundo considerando desta moção, e nunca aceitar outro local de inscrição do pessoal desembarcado que não seja o seu sindicato profissional.

3.º Não reconhecer o direito à classe dos oficiais da M. M. de querer abolir uma disposição estatutária deste sindicato, por ela em nada lezar os seus direitos ou regalias.»

Antes de se encerrar a sessão foi verborado acaremente o procedimento dos oficiais que estão despedindo os marinheiros enquanto eles ficam a fazer vigia, isto

A MORAL DELES...

Em Alcobaça um padre das peregrinações de Fátima desflora uma menor de 13 anos

ALCOBAÇA, 6.—Vem sendo há dias discutido com geral indignação, o repulente crime de desfloração de uma menor de 13 anos, praticado por um apóstolo de «Fátima».

Na povoação de Turquel deste concelho, reside a família de Joaquim Frei, a qual tomou conta da menor de 13 anos, Palmira do Carmo, que esteve ao cargo da Assistência Pública.

Esta família, que manifesta grande devoção por Nossa Senhora de Fátima, não só acolhia, como também se desfazia em amabilidades para com o padre da terra—um tal Joaquim do Carmo.

Este como todas as aves de rapina que usam a palmeira, começou a procurar tornar-se simpático à pequena Palmira, à qual chamava sua irmã, por os apelidos de ambos coincidirem.

Este facinoroso conseguiu atrair à ratoeira a Palmira e ali a desflorou.

Apresentada a queixa ao administrador do concelho, este limitou-se a participar o sucedido para Assistência de Lisboa, a qual requereu exame médico. O padre abandonou a freguesia, evitando assim que o povo indignado com o crime o linchasse, refugiando-se em casa do padre de Benedita, deste concelho.

No exame médico a que a Palmira foi submetida, provou-se que a violação estava em conformidade com as declarações da vítima.

O que nos surpreende é sabermos que o atestado médico já há 12 dias está em poder da Assistência sem que a mesma dê andamento ou proceda contra o padre.

E' que nós sabemos que se movem altas influências para que este refinado canalha fique impune...

O que dizem a isto a sr. Patriarca e freiras cá da terra?

Não percam tempo porque já sabemos a resposta de sempre: foi por obra e graça do Espírito Santo!...

O padre no intuito de vencer a resistência da menor empregou várias citações religiosas, chegando a afirmar-lhe que tinha o poder de exprimir, por meio de determinado órgão sexual, a vontade de Deus!

As Novidades ainda se atreverão a dizer que sem educação religiosa não se pode ter uma conduta moral e digna?

Almanaque de «A Batalha»
192 páginas com muitas gravuras, preço 5500.

O remédio... são orações

ROMA, 8.—O Papa dirigiu aos cardeais Pompeii, vigário da diocese de Roma, uma carta expondo os grandes sofrimentos da igreja católica mexicana. Fez o elogio do episcopado, do clero e da população católica do México, os quais são vítimas de muitas perseguições, e convidou os católicos da diocese de Roma a erguer preces a Deus, esperando que todo o mundo católico siga este exemplo. Os católicos mexicanos não contrariam um fundo reconforto quando souberem que a família católica de todo o mundo pedirá por eles.—(H.)

EM COIMBRA

O Congresso dos Professores das Escolas Móveis

A 1.ª sessão, que foi presidida pelo dr. sr. Tomás da Fonseca, decorreu muito animada

COIMBRA, 7.—Abre a sessão o congressista sr. Nascimento Gomes, professor das Escolas Primárias Superiores, que produz várias considerações e convida para presidir o professor da Escola Normal Primária sr. Tomás da Fonseca, que se encontra na sala.

O congresso terá grande honra em ser presidido numa das suas sessões—diz o sr. Nascimento Gomes—por um dos maiores lutadores contra o analfabetismo e dos maiores amigos das Escolas Móveis.

Findo o discurso preliminar do sr. Nascimento Gomes toma a presidência o sr. Tomás da Fonseca, que evoca o seu passado de árduos combates pela instrução do povo. Recorda a tentativa de criação, há muitos anos, em Coimbra, duma Universidade Livre, o concurso que tem prestado à fundação e funcionamento de várias Universidades Livres e Populares. Termina convidando para secretários os srs. João Soares Pinto e Eduardo Pinho e as srs. D. Maria Esteves e D. Ermelinda Pereira.

O sr. Armando de Andrade propõe para relator geral do congresso o sr. Gelásio Rocha. Como membro da Comissão de Melhoramentos e Defesa, lê o seu relatório. Nele, entre outras coisas, se lamenta a falta de solidariedade da parte da classe e se dá conta das dificuldades que a comissão realizou junto do ministro da Instrução.

O congressista sr. Nascimento Gomes pede a palavra para falar sobre o relatório. Insurge-se contra a matéria do relatório. Afirma que desconhece a existência da Comissão de Melhoramentos.

O sr. Manuel de Andrade usa da palavra para responder aos reparos do sr. Nascimento Gomes, que usa da palavra para explicações.

O sr. José Guerreiro fala também sobre o relatório e emite a proposta de ao sr. Duarte Ferreira ser enviado um telegrama que, entre outras coisas, protesta contra várias ilegalidades.

O sr. Valério Bôto revolta-se contra o autoritarismo revoltante de alguns actos da Comissão de Melhoramentos.

Responde-lhe, em nome da C. de Melhoramentos, o sr. Manuel de Andrade, estabelecendo-se curto diálogo, a que o presidente pôs termo.

Fala agora o sr. Santos Marcelo que, num curto discurso em que salda os jornalistas e se mostra ignorante das lutas de classe, apresenta uma moção convidando o Congresso a passar à ordem da noite. É aprovada a sua moção.

Em seguida, procede à leitura do expediente o secretário sr. João Mantas.

Passa-se à «Apreciação do art. 8.º da lei n.º 1823 de 14 de Dezembro de 1926».

O sr. Santos Marcelo fala sobre este assunto, propondo que, em virtude de haver sido revogada a legislação em questão, se passe a outro assunto.

Entra-se na discussão das «Comunicações Livres».

O congressista sr. Naves afirma que não é seu costume escatizar os actos dos mortos, porque a isso se opõem seus sentimentos religiosos.

Abre, porém, uma excepção para se referir ao sr. José Nunes da Graça, de triste memória, que não cumpriu nunca com os seus deveres, não sendo senão um apunhado da política, não de três ou quatro lugares. Foi um perseguidor da classe do professorado móvel, um neurasténico. Ele, orador, é uma das suas vítimas, ainda hoje sofrendo as consequências da tirania, da arbitrariedade do sr. Graça.

É preciso fazer-se uma inteira revisão à obra de Nunes da Graça.

O sr. presidente lembra que já findaram os cinco minutos e que não deve prosseguir nos seus ataques a um morto, que ele, presidente, conheceu muito bem como uma grande inteligência, que fazia a honra de qualquer estabelecimento de ensino.

O sr. Naves prossegue. Uma senhora congressista, muito indignada, acerca-se da mesa da presidência, pedindo para não deixarem falar por mais tempo um indivíduo que, com seus ataques pessoais a um morto, está fazendo irritar o Congresso.

Falam, depois, os srs. Costa Marcelo e Nascimento Gomes que escatizam também as arbitrariedades com que Nunes da Graça tiranizou, prejudicou a classe, pedindo ambos a revisão da obra daquele inspector.

O sr. João Mantas, secretário, propõe que a acta sejam exarados votos de homenagem a alguns vultos mortos que se interessaram pelo professorado móvel e a alguns colegas também falecidos.

Propõe também que na acta sejam exarados votos de saudação à imprensa, que tanto interesse tem manifestado pelo movimento do professorado das Escolas Móveis.

O sr. Nascimento Gomes alvita que se envie um telegrama de saudação ao dr. Sousa Júnior, criador das Escolas Móveis.

Propostas mais algumas saudações, foi a sessão encerrada com algumas palavras do presidente.

A II sessão está fixada para amanhã, às 9 horas.

MALAS POSTAIS
Pelo paquete «Aguila», são hoje expedidas malas postais para Las Palmas, Madeira e por via Funchal para a África Austral, Cap-Town, Elisabeth Africa Oriental, sendo da caixa geral a última tiragem da correspondência ordinária às 11 horas, e para a registada recebe-se até às 9 horas da manhã.

TEATRO APOLO
Emp. Ruas
Tel. II-4929

HOJE
E TODAS AS NOITES
o sacrosanto drama

O Mártir do Calvário

Esplêndidos cenários
Artística interpretação

'A Batalha' na provincia e arredores

Faro
Fantochada religiosa

FARO, 6.—Conforme noticiámos, lá saíu a fantochada religiosa do «Senhor Morto». O mulhinho acorreu, em massa, com velas, a iluminar o «defunto».

A procissão era anunciada por «matracalhas» que eram levadas pelo Albano da Praça do Peixe, muito conhecido nesta cidade como um emérito explorador. Este indivíduo incorporou-se na procissão completamente embriagado, o que denota bem o êxito que a Igreja tem na educação moral dos seus fiéis.

A polícia civil interessou-se sobremaneira pela procissão, e do seu excesso de zelo resultaram incidentes pitorescos, pouco faltando para que os polícias se envolvessem em desordem.

A Mesa da Misericórdia é que ficou altamente prejudicada com a venda dos balandras devido ao facto de não terem aparecido compradores. A última hora, para não perderem tudo, resolveram alugá-los. Como se vê, estamos em plena Democracia!

Quando se exhibia o burlesco cortejo, no jardim Manuel Bivar encontrava-se um indivíduo de avançada idade que não se deu ao trabalho de tirar o chapéu. O gesto deste irreverente não foi bem visto por alguns carolas, especializando o sr. Adelino dos Santos, dos corpos gerentes do Sindicato Marítimo, que obrigou o pobre homem a descobrir-se sob pena de o agredir com uma bofetada. Com receio de consumir-se a agressão, o homenzinho descobriu-se, verificando nós que ele era calvo e que padecia de doença cutânea, motivo por que provocou as iras do sr. Santos.

O que é mais interessante é que próximo do velhote encontravam-se outros indivíduos, contra quem o Santinho não arremeteu, certamente com o receio de que recebesse o devido correctivo.—C.

Silves

Uma visita

SILVES, 6.—Esteve há dias nesta cidade o sr. dr. Marques Guedes, ministro das Finanças. O que veio cá fazer aquele ministro? Ninguém sabe. Apenas o que se conhece é que na Câmara Municipal se bebeu «champagne» à farta e houve discursaria. Depois da sessão na Câmara o sr. Marques Guedes, acompanhado de alguns vereadores já meio «estrabicos» foi visitar o hospital, a cadeia e o castelo.

Escusado será dizer que o sr. Marques Guedes encontrou tudo em ordem, como é vulgar nas visitas oficiais. Porque não se dispõem os homens do governo a realizar estas visitas sem as anunciarem?—C.

CRISE DE TRABALHO

Operários sem trabalho e licenciados das obras do Estado

Reúnem ontem os operários licenciados das obras do Estado e associados sem trabalho. Pelas comissões de «démarches» foi dada conta à assembleia do resultado dos seus trabalhos, ficando assente que as comissões continuem insistindo junto do ministro do Comércio para que a proposta de reforço à verba para as obras do Estado seja o mais rapidamente possível presente ao Parlamento.

A mesma comissão disse à assembleia que espera que as obras dos Monumentos Nacionais abram na próxima semana.

A assembleia foi notificada que o administrador dos edifícios públicos mandou ontem distribuir, por algumas obras que já não tinham verba, alguns saldos que ainda tinha em seu poder, o que evitou que paralisassem algumas obras como se previa.

Também foi apreciado o licenciamento que se está para realizar dos operários das obras das Casas Económicas da Ajuda, tendo a assembleia protestado contra o referido licenciamento porque ele vem lançar à margem mais de 100 operários.

Depois de distribuídas guias para quatro serventes, foi encerrada a sessão.

Obras das Casas Económicas da Ajuda

Os delegados da comissão administrativa do Sindicato da Construção Civil e da Bôla de Trabalho procuram hoje o ministro do Comércio a fim de tomarem conhecimento das resoluções daquele titular quanto às reclamações entregues anteontem sobre a paralisação das obras das Casas Económicas da Ajuda.

O Senhor Roubado...

SAINT-ETIENNE, 8.—Na igreja de Lavallée-encier penetraram durante a noite alguns ladrões que destruíram os tabernáculos e as colunas, levando dinheiro, vasos sagrados e inúmeros objectos preciosos. A polícia averigua.—(H.)

DESPORTOS

FUTEBOL
Lisboa-Madrid Militar

No «rápido» de Madrid partem hoje, pelas 11,40, com destino à capital do país vizinho, os srs. drs. Corvelin Moreira, Alfredo Guisado e Alexandre Ferreira que ali vão representar a Câmara Municipal de Lisboa no encontro das «equipes» militares de futebol de Lisboa e Madrid.

TIVOLI
Tel. II-5474
A's 8 314

A Corrida do Facho
Adaptação cinematográfica em 8 partes da célebre peça de Paulo Hermida, do repertório da Comédia Francesa

LA COURSE DU FLAMBEAU
Principal intérprete: Germaine Dermoz

OS PEQUENOS VAGABUNDOS
Cine comédia em 5 partes—Encenação de Luis Seixalide com a pequenina actriz BOUTOUQUE

UMA CINÉ REVISTA
UMA CINÉ FARÇA

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Notícias

Na noite de 30 do corrente realiza-se no Ginásio a festa do secretário da empresa Mário Mendes de Mascarenhas, sendo a recita, que apresenta numerosos atractivos, promovida por uma comissão de amigos seus.

Reclames

Continua com sorte o Ginásio. Agora o «Az», a espirotrissíma comédia, atrai ali uma multidão enorme, esgotando frequentemente a lotação do teatro. No desempenho muito se salientam Palmira Bastos, que é encantadora na galante «Chouquette»; Gil Ferreira, no «Mano Augusto»; seguindo-se-lhe Alegrim, esufante de verve, Henrique de Albuquerque, António Mendes, Ofélia Brochado, Dina Pereira, Regina Montenegro, etc. Para o espectáculo de hoje os bilhetes são vendidos a qualquer hora, sem locação.

No Chiado Terrasse estreiam-se hoje os soberbos filmes: «Ressurreição de Ricardo», 6 partes de aventuras; «O saído extinto», hilariante comédia em 5 partes, e «Não me esqueças», 6 partes, por Bessie Love.

Por estes dias, vai apresentar o apetitoso «Pão de Ló», em scena no Avenida, mais um atractivo: um fado musicado por Veneslau Pinto e cantado pelo excelente actor Estevam Amarante.

No «Mártir do Calvário», que é Jesus, aparecem as individualidades que mais evidentes se tornaram na sua vida accidentada: A Virgem, A Samaritana, A Madalena, Pilatos, o Judas, e muitas outras personagens. Assim conseguiu Eduardo Garrido fazer uma peça de acção arrebatadora, emocionantíssima, que ao Apolo está atraindo enorme concorrência, que a aplaude dominada pelo maior entusiasmo. Hoje repete-se «O Mártir do Calvário», sendo os bilhetes para o empolgante espectáculo, sempre vendidos sem aumento nos preços, mesmo durante o dia.

Os magníficos trabalhos de ilusionismo todas as noites realizados no Coliseu dos Recreios pelo ilusionista Raymond estão produzindo assombro entre o público de Lisboa, que se encontra em face dos mais impensáveis mistérios. Alguns, se não todos, desses trabalhos são de tal forma enigmáticos que se diria tratar-se da mais autêntica leituraria. Um deles intitulado «A mala misteriosa», que consiste na evasão de uma pessoa algemada de dentro de um saco fechado e lacrado, por sua vez encerrado numa mala fechada à chave e ainda atada por cordas, sendo essa pessoa instantaneamente substituída por Raymond que ali aparece nas mesmas condições, provocou cá da parte de uma conhecida entidade um original desafio (que o grande ilusionista aceitou e que vai ter em breve o seu sensacional desfecho).

Os interiores magnificamente cuidados criam a «A Exilada» um ambiente de verdade surpreendente. Erico Braga, que delinco as «maquettas», Luz & Almeida, que as executaram, conseguiram dar-nos a completa ilusão de que estamos numa verdadeira residência real.

Da interpretação da peça já está dito tudo. Lucília no papel de princesa Gina venceu todas, absolutamente todas as dificuldades, já pela miséria, onde sucessivamente se vão patenteando a ternura, a revolta e o ódio, já pela voz que, quasi sobrenaturalmente, sabe ir moldando as mais violentas emoções. Mas, se o trabalho de Lucília é grande, é esplêndido, o de restantes intérpretes de «A Exilada» empresa ao teatro português um alto expoente artístico.

«Quantas «pateatas» se têm feito já a... assobio! Mas também quando é o assobio que consagra o triunfo está assegurado. Sim: o assobio dos garotos e da gente que labuta pelas ruas da cidade, fazendo a propaganda dos números mais bonitos da música ligeira de uma peça alegre. E o que acontece com o «Foot-Ball» que não tem apenas a linda canção de «As Rosas», mas outras não menos inspiradas, fados de sa popular e outras de risonho sucesso garantido como a «Catarina» pela distinta actriz Hortense Luz.

SOCIEDADES DE RECREIO

Academia Recreativa «Leais Amigos».—Proseguem as festas promovidas pela direcção durante o mês de Abril. No próximo domingo, às 15 horas, realiza-se uma «matinée» «dancing» e às 21 horas terá lugar uma interessante «soirée» com concurso de pensamentos, sendo oferecido um brinde.

ESPERANTO

Nova Vojo (Sociedade Esperantista Operária).—Refine hoje o Curso Prático, ao qual se convidam a assistir todos os antigos e novos alunos.

A Comissão Administrativa lembra mais uma vez a todos os sócios em atrazo de cotas que devem liquidá-las o mais breve possível, para o que se encontra todas as noites na sede um componente da comissão.

Está em organização um novo curso elementar de Esperanto.

TEATRO MARIA VITÓRIA

HOJE
Duas sessões—A's 8 1/2 E 10 1/2
A MELHOR DE TODAS AS REVISTAS

FOOT-BALL
com todas as suas novidades
e sensacionais atractivos

A notável troupe de Girls
SIX ROBERTON'S GIRLS
directamente contratadas
em Inglaterra para este teatro

Teatro Nacional
HOJE

A linda peça de
CHARLES MERÉ
Tradução de JOSÉ SARMENTO

PROTAGONISTA:
Ester Leão
Encenação do professor António Pinheiro

A DANÇA DA MEIA NOITE

Câmara Municipal de Lisboa

Na sessão de ontem da Comissão Executiva foram tomadas as seguintes resoluções:

«Que se proceda a um inquérito aos actos de alguns funcionários da secretaria sobre quem recaem suspeitas de irregularidades. Que a Comissão Executiva afaste do serviço os empregados que entender por conveniente e, podendo-se dar o facto de ser necessário entre esses afastar o chefe da secretaria, que seja nomeado para exercer as funções deste, o chefe da segunda repartição, sr. Constancio de Oliveira.»

«Que a Academia Filarmónica Verdi, e à Cruzada de Protecção à Infancia, seja concedido o subsídio mensal de 30\$00 a cada uma; à missão Elias Garcia «O Vinte das Escolas» 50\$00 mensais;

«Que a Junta de Beneficência Educação e Conforto seja concedido o subsídio mensal de 50\$00;

«Que estes subsídios sejam abonados desde o dia 1 de Janeiro do corrente ano.»

«Que o imposto municipal sobre veículos possa ser pago em quatro prestações trimestrais, se assim convier aos respectivos contribuintes.»

«Que seja autorizada a respectiva Repartição a executar o ajardinamento do largo do Carmo, logo que haja a verba necessária e desde que a Associação dos Arqueólogos consultada sobre o assunto se não oponha.»

«Que sejam ajardinadas as placas que se encontram em frente do segundo cemitério no largo dos Prazeres.»

O vereador sr. Alexandre Ferreira apresenta os mapas estatísticos do movimento dos seis lactários municipais durante o mês de Março findo. Segundo esses mapas os seis lactários contemplaram 744 crianças, as quais foram distribuídas 15.455 litros de leite. Foram feitas 2.449 pesagens, 478 consultas médicas, 64 vacinações, fornecidos 1.338 banhos, e 170 receitas. A importância do leite gasto durante o referido mês foi de 28.282\$65, à razão de \$180 por litro.

O sr. Almeida Santos informa que as obras da travessa de São Domingos, que estavam entregues a um empreiteiro havia recomençado a ser feita com pessoal da Câmara e por conta desta, tendo sido suspensa por falta de blocos que se encontravam já na Alameda, já pois concluir-se imediatamente aquele melhoramento.

DENTES ARTIFICIAIS a 25\$00. Extracções sem dor a 15\$00. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20\$00. Dentaduras completas sem placa em «canchiú». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO
R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

AGREMIações VARIAS

Junção Humanitária Amor e Carinho.—Promovida por uma comissão de senhoras composta pelas srs.ª D. Elisabeth Carvalho, Adelaide Ferreira, Maria Custódia, Irene Azevedo, Maria Faria, Maria Ribeiro, Virginia Soromenho, Alice Oliveira, Filomena Assunção Faria, Armanda Monteiro, Maria Augusta Pinto Costa e das meninas Argentina Gomes e Fernanda Ferreira, realizou-se a venda da flor nos dias 4 e 5 do corrente a favor do cofre desta instituição, rendendo a importância de 5200 escudos.

Esquerda Democrática.—Comissão Política de Santa Isabel.—São avisados todos os componentes desta comissão que queiram tomar parte no próximo congresso, de participar com urgência para a rua Manuel Bernardes, 76, e igualmente se avisam todos os republicanos da freguesia que queiram inscrever-se no cadastro partidário, de o fazer nesta morada, ou nas ruas Coelho da Rocha, 61, Ferreira Borges, 163.

PRÓ-«O ANARQUISTA»

Realiza-se amanhã uma festa no salão de Festas da Construção Civil

Como temos noticiado, é amanhã que tem lugar, pelas 21 horas, no Salão de Festas da Construção Civil, a festa em benefício de O Anarquista.

O programa da festa será desempenhado pelo Grupo Dramático Solidariedade Operária, que levará à scena um drama em 1 acto e duas interessantes comédias. Nos intervalos tocará um magnífico sexteto.

Os bilhetes que restam à venda podem ser procurados na Calçada do Combro, 38-A, 12.º, e na Travessa da Agua de Flor, 16, 1.º.

A comissão solicita de todos os camaradas e organismos que tenham bilhetes para passar, que enviem o seu produto para a administração de O Anarquista.

Coliseu dos Recreios

A'S 21 HORAS
Surpreendente espectáculo
Novos e assombrosos trabalhos
do grande ilusionista

RAYMOND
Espiritismo e metempsicose
O enigma da mala misteriosa
Aparições diabólicas

DESOLUBRANTES BAILADOS
pelas formosas artistas da troupe
de Raymond

O espectáculo mais barato
de Lisboa

Domingo — «Matinée»

CARTA DE COIMBRA

Uma iniciativa simpática

COIMBRA, 7.—Na vizinha povoação de Bórdalo, um grupo de operários, no louvável intuito de aproveitar utilmente as horas livres do labor quotidiano, resolveu fundar uma colectividade que recebeu o título de «Grupo de Instrução e Recreio de Bórdalo», cuja inauguração se realizou no último domingo, tendo a comissão organizadora a gentileza de convidar a Batalha a fazer-se representar na sessão de inauguração que teve lugar pelas 17 horas na sala da colectividade.

Presidiu António de Almeida, secretário por Luis Rodrigues Serrano e Alfredo Tavares, todos da comissão organizadora.

Aberta a sessão perante grande assistência, o presidente explica o significado daquela sessão, expondo em breves palavras as finalidades daquele Grupo, dando em seguida a palavra ao correspondente de A Batalha, da qual faz a apologia.

Este, começa por elogiar a iniciativa dos fundadores deste organismo, pelo que a representa de esforço em prol da educação dos trabalhadores daquela localidade.

Diz que A Batalha aceitou o convite de se fazer representar ali pelo facto de partir de trabalhadores que querem aperfeiçoar-se pelo seu esforço. A Batalha sente ali bem, porque está num ambiente que é seu. Expõe, em resumo, qual a função deste jornal em face das necessidades dos trabalhadores.

Incita os assistentes a não esmorecerem na sua obra, pois na instrução é que está encerrada a emancipação dos trabalhadores, terminando por prometer todo o interesse deste jornal pelas aspirações daquele organismo, pois A Batalha acarinha todas as manifestações de aperfeiçoamento da parte dos trabalhadores.

Faz uso da palavra, em seguida, o conhecido propagandista anti-clerical sr. João de Deus Cunha, que num bem elaborado discurso prende as atenções da assistência.

Diz que de iniciativas pequeninas como aquela saíam, às vezes, grandes e florescentes colectividades.

E sempre louvável vê-se trabalhadores rudes, como aqueles, procurarem na instrução uma maior soma de bem estar e conforto.

Demonstra como a sociedade se tem ido aperfeiçoando através dos séculos, e que era precisamente quando a mais completa ignorância obscurecia o cérebro do povo, que os senhores exerciam maior tirania sobre os povos. Há muito a fazer ainda, contudo. As sociedades continuam a seguir na sua rota de progresso, na sua ansia de perfeição. Esta longa marcha será, porém, menos penosa, quanto maior instrução tiver sido espalhada.

Faz ressaltar as iniquidades que ainda se fazem sentir, hoje, em plena sociedade capitalista. Confronta a miséria daquela que tudo produz, com a opulência provocadora dos detentores da riqueza social.

Atribui à religião católica e à influência dos padres no povo das aldeias, o atraso mental ainda observado nas populações rurais, terminando por afirmar que quanto maior luz se fizer brotar no cérebro do povo, menor será a acção dissolvente dos sacerdotes duma religião embrutecedora e retrógrada.

A sessão é em seguida encerrada, tendo-se soltado entusiásticos vivas à Batalha.

A direcção do Grupo de Instrução e Recreio, vai iniciar os seus trabalhos para a constituição duma biblioteca, contando já com algumas ofertas valiosas.—C.

Aos chauffeurs de Lisboa

As Associações signatárias convidam todos os chauffeurs profissionais de Lisboa (quer sejam ou não sócios da Associação de Classe) a reunir em Assembleia Magna, hoje, pelas 21 horas, no Largo de São Domingos, 11, 2.º J, a fim de tomarem conhecimento dum assunto grave que põe em perigo os seus interesses profissionais e económicos, e inteirarem-se do resultado das «démarches» havidas até agora e efectuadas por delegados do Norte e Sul.

As Associações de Classe: dos Chauffeurs da Madeira, dos Chauffeurs Condutores de Automóveis do Norte de Portugal, e dos Chauffeurs do Sul de Portugal.

CONFERÊNCIAS

«Metalurgia do ferro»

O distinto homem de ciência sr. Charles Lepierre realiza hoje, pelas 21 horas, na secção da Universidade Popular Portuguesa de Belém, rua Paulo da Gama, n.º 6, 1.º, a 3.ª conferência da série «Metalurgia do ferro», que com muito êxito vem efectuando no mesmo local. A entrada é franca.

«Os efeitos do foot-ball na sociedade portuguesa»

A professora sr.ª D. Vitória Pais repete no próximo domingo, pelas 14 horas, na secção da Universidade Popular Portuguesa de Setúbal, a interessante conferência que há pouco realizou na Associação dos Empregados de Escritório sob o tema «Os efeitos do foot-ball na sociedade portuguesa».

HOJE
Telef. T. 976

Teatro da Trindade

A sensibilizadora peça
de KISTEMAEKERS

A EXILADA

Protagonista:
LUCILIA SIMÕES

Ruidoso êxito
Artístico conjunto
Brilhante encenação

Contra o fascismo

Uma sessão no Alto do Piná

Promovida pela Comissão Mista de Propaganda e Organização do Alto do Piná realizou-se na Secção da Construção Civil uma sessão de propaganda antifascista que esteve regularmente concorrida.

Pelas 21,30 horas abriu a sessão sob a presidência de Júlio de Carvalho, servindo de secretários Carlos Bernardo Lima e Carlos Neto Aninha.

Falou em primeiro lugar Guilherme Mesquita, que num largo discurso explicou à assembleia qual tem sido a missão do fascismo, na Itália, e da ditadura militar, em Espanha.

Júlio de Carvalho que se segue no uso da palavra demonstra o valor da organização sindical demonstrando, com vários exemplos, que só os organismos de classe do operariado poderão impedir que triunfe em Portugal o fascismo.

Antes de encerrar a sessão foi aprovado um protesto contra a pretensão extradição de Paulo da Silva.

SOLIDARIEDADE

Pró Filipe José da Costa

Realiza-se amanhã, na Academia Recreativa de Linda-a-Velha, uma grandiosa festa de auxílio a Filipe José da Costa. Exibir-se-hão algumas das cegadas mais apreciadas no último período carnavalesco, tais como: «Ciência Zoológica», da autoria de Henrique Lourenço; «Contraste Jornalístico», de Abel P. Araújo; «Episódio Dramático — Controvérsia», de A. Paiva, e «Contraste Exemplar Social», de Jorge Mateus e José Marques. Haverá também demonstrações de sugestão e hipnotismo por Joaquim da Silva Carvalhais.

Os bilhetes podem ser requisitados nesta Sociedade ou no sindicato de Linda-a-Pastora.

Pró Francisco Joaquim dos Santos

Promovido por uma comissão de amigos realiza-se no próximo domingo, às 15 horas, no retiro do Vilar, ao Campo Grande, 105, uma festa de solidariedade em favor de Francisco Joaquim dos Santos, vulgo Chico Espanhol, que se encontra quasi cego.

Do programa consta a exibição de cinco cânticos e canção nacional por Adriano dos Reis, Eugénio Maurício e outros.

Inquilinato
Consultas gratuitas sobre inquilinato, às terças e quintas-feiras, das 11 às 13 horas; aos sábados, das 17 às 19 horas.

MARCO POSTAL
Povo do Verzim—E. Correia—Rece-
bem liquidação e vale.
Leiria—Alfredo E. Ferreira—Aguarda-
mos resposta à nossa carta última sobre a
remessa de almanagues.
Pôrto—Alves Pereira—Já seguiram os
almanagues pedidos.

AGENDA
CALENDÁRIO DE MARÇO

D.	11	18	25	HOJE O SOL
S.	12	19	26	Aparece às 6,10
T.	13	20	27	Desaparece às 19,7
Q.	14	21	28	FALESDALIA
Q.	15	22	29	1. C. das 25 às 3,17
S.	16	23	30	2. C. das 25 às 3,17
S.	17	24	31	1. N. das 12 às 12,55
S.	18	25	31	2. C. das 12 às 12,55

MARES DE HOJE
Frisar as 0,11 e as 0,42
Paixanas às 5,41 e as 6,12

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	—	—
Madrid cheque	2576	—
Paris cheque	508,5	—
Suiza, cheque	537	—
Bruxelas cheque	577	—
New-York, cheque	1955	—
Amsterdã, cheque	735	—
Háia, cheque	779	—
Brasil, cheque	2885	—
Praga, cheque	558,5	—
Suécia, cheque	5824	—
Austria, cheque	2576	—
Berlim, cheque	4567	—

ESPECTÁCULOS
LITAIROS

Racional.—As 21.—Amor vence.
Tribuna.—As 21.30.—A espiada.
Gimnasia.—As 21.30.—O Ave.
Delitama.—As 21.30.—O Segredo do Polichinela.
Tribuna.—As 21.30.—O Segredo do Polichinela.
Muita Voz.—As 21.30.—O Segredo do Polichinela.
Figlia.—As 21.30.—O Segredo do Polichinela.
Faleu dos Reclutas.—As 21.—Raymond.
Faleu dos Reclutas.—As 21.—Raymond.
Cinema (Illicente) (a Gracia)—Espectáculos às 3.30
e 5.30, sábados e domingos com ematines.
Lepida Parquet.—Todas as noites. Concertos e di-
versões.

CINEMAS

Tivoli — Olympia — Central — Condes — Chiado Ter-
race — Ideal — Arco Bandeira — Promotora — Esperança
— Terceiro — Cine Paris.

LIMAS NACIONAIS

Só a grande fal-
ta de propaganda tem
dado lugar a que
estas coisas sejam
conhecidas em Por-
tugal. Limas estran-
geiras, visto que
as limas, marca
"União", são
MARCAS REGISTRADAS
pela União Nacional
de Fatores, Lda., e
qualquer uso não
autorizado constitui
crime de falsificação.
Experimentem, pois, as
vossas limas que
encontram a verdade em
todas as peças estada-
lmente de fabricação.

Policlinica da Rua do Ouro
Entrada: Rua do Carmo, 98
Telefone N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando
Narciso—A's 10 horas.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—
A's 10 horas.
Fis. vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães
A's 10 horas.
Fis. e ginecologia—Dr. Correia Figueiredo—A's
10 horas.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R.
Lafont—A's 10 horas.
Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—
A's 10 horas.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oli-
veira—A's 10 horas.
Estomatologia—Dr. Mendes Bojo-
la—A's 10 horas.
Doenças das mulheres—Dr. Emilio Paiva—
A's 10 horas.
Doenças das crianças—Dr. Filipe Mano-
el—A's 10 horas.
Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Ro-
drigues—A's 10 horas.
Ecc. e dent.—Dr. Armando Lima—A's 10
horas e radio—Dr. Cabral de Melo—A's
10 horas.
X-ray—Dr. Aleu Saldanha—A's 10 horas.
Analises—Dr. Gabriela Beato—A's 10 horas.

A VENDA A 9.ª SERIE
DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profun-
damente ilustrado desde as primeiras
idades do homem até à revolução
Francesa.
Assinatura: pelo correio cada série de 10
tomos com cerca de 320 páginas 6500.
A obra mais barata que no género se publica

A CURA DAS DOENÇAS PELAS
PLANTAS, livro útil às boas donas de
casa. Preço 2500; pelo correio, 2550.
Pedidos à administração de A Batalha.

FATOS
completos e
sobretudo
em bom cheviote, com bons
forros e bom acabamento,
para homem, desde
129\$00

Calças desde 35\$00
Grande sortido de fatos e sobre-
tudos, feitos e por medida
Abatimentos para revenda
170, RUA DA BOA VISTA, 172

À ÚLTIMA HORA
Acabam de chegar ao DEPOSITO
DA COVILHÃ
Rossio, 93, 1.ª—Lisboa
GRANDES remessas de peças de ricos estam-
bres mesclados, pretos e azuis para Fatos e SO-
BRETUDOS e riccas casimiras de fantasia.
Boas saias, gabardines para vestidos de senhora.
Vendas directas da fabrica ao publico.
4 em 1 feitos e fazem-se por medida fatis, sobre-
tudos e abafos para senhora com a maxima perfeição
e rapidez.
Manda amostras para a provincia e as Dominicillas
Tem alfaiate. Não confundi: o Deposito da Covilhã
é no
Rossio, 93, 1.ª—LISBOA
Telefone Norte 4603

Alfaiataria do Carmo
DE
David da Costa Relvas
Calçada do Carmo, 50—LISBOA
Fatos e Sobretudo para homens e senho-
ras, de boas fazendas e a preços barattis-
simos. Fazem-se com perfeição e elegancia.
Aceitam-se fatos a feito.

ESPELHOS
Aos melhores preços
Aven. Almirante Reis, 24-A
TELEF. N. 4060

Baixa de Preços
Calçado, fatos, fazendas, chapéus, mobi-
liar, relógios e novidades de verão, só na
acreditada casa de vendas
A PRESTAÇÕES, sem fiador
Rua António Pedro, 52
"A BATALHA" no Funchal vende-se
No Bureau de La
Presse.

DR. ARMANDO NARCISO
Médico do Hospital da Santa Marta
CLINICA MEDICA
Consultório: Travessa Nova de S. Domingos,
(1.ª Rua do Amparo)
Residência: Rua Nogueira e Sousa, 17 ao Lu-
ciano Cordeiro)

Nova baixa de preços
2\$00 em quilo de manteiga
Comprem o nosso tipo reclame a
14\$00 o quilo
Manteigaria Silva
301—R. dos Correios—301

ACABARAM-SE AS BARATAS
FORMIGAS E OUTROS INSECTOS
USANDO O PÓ INSECTICIDA
"AGUIA"
A' venda em todas as drogarias
Depositiários: CARLOS DE OLIVEIRA, Lda
Rua Pascoal de Melo, 83-85

SALVADOR BARATA, L. DA
Fabricantes dos Alvaides marca "GAIVOTA" e únicos depositários do
No Dôro—Sociedade Produtos Químicos, Lda—R. 51 de Janeiro, 174, 1.ª
Ilhas—JOSÉ GOES FERREIRA FUNCHAL
O melhor destruidor de FULGAS, PERCEVEJOS,
BARATAS, FORMIGAS, etc.
em todas as DROGARIAS, MERCERIAS e lojas de FERRAGENS
A VENDA

FERRAGENS E FERRAMENTAS
CUTELARIAS E TALHERES
LOUÇA ESMALTADA
GUARNIÇÕES PARA MÓVEIS
REDE E PREGARIA
Telefone C. 2890
VIANA, REIS & NUNES, L. DA
Sortido completo
em ferramentas para
carpinteiros, marceneiros,
serfalleiros, etc., etc.
FOLES, VENTONHAS,
ENGENHOS DE FURAR,
LIMAS, BROCAS E MANDRIS
31, L. DO CONDE BARÃO, 32 e 33—LISBOA

O Sindicalismo Revolucionário e a
Organização Operária
Por Rodolfo Rocker. Fugoso escritor e um
dos maiores oradores da Alemanha, mem-
bro da A. L. T. Folheto com 32 páginas,
com um esboço biográfico do autor. Preço
1500.
Pedidos à administração de A Batalha.
A revolução Social e o Sindicalismo
Por Arkinkof. Preço 1550.

Terra Livre
Um camarada dedicado acaba de nos
oferecer uma coleção do semanário anar-
quista "Terra Livre" para ser vendida em
favor de A Batalha. Aquela camarada fixou
o preço de 15000.
Algun camarada que deseje adquirir este
interessante semanário pode dirigir-se a
nossa administração.

Suplemento semanal ilustrado
de "A Batalha"
Encontra-se já à venda o primeiro ano
deste interessante semanário, devidamente
encadernado, numa óptima capa em perca-
lina ilustrada a cores, por Alonson, con-
tendo um indispensável índice dos variadís-
simos assuntos de ordem doutrínaria, literá-
ria e artística.
O seu preço é: 1 volume com 420
páginas, 45\$000.
Encadernação (por capas e índice),
20\$000.
Capas e índice em separado, 15\$000
Pedidos de coleções, ou envio destas
para encadernação, à administração de A
Batalha.

Pregão de revolta
Carta-protesto, em verso, dirigida ao
presidente do ministério contra as deporta-
ções.
Preço 1500; pelo correio, 1520; regis-
trado, 1550. Pedidos à administração de A
Batalha.

LA NOVELA IDEAL
Acaba de chegar o n.º 28 desta revista
intitulado "Amor y sacrificio", de So-
lano Palácio. Preço, 500. Pedidos à
administração de A Batalha.

HORARIO DE TRABALHO
As disposições legais
A secção editorial de A Batalha acaba
de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7
de Maio de 1919 e respectivo regulamento
publicado no Diário do Governo de 20 de
Maio sobre o horário de trabalho, sendo
o seu preço avulso de 550.
Os sindicatos que desejem adquirir
quantidade far-se-há um abatimento de 50
por cento em pacotes de 50 folhetos.
Pedidos à administração de A BA-
TALHA.
PEDRAS "METAL AUER"
PARA ISQUEIROS
VENDEM-SE NO LATA, DO LARGO
DO CONDE BARÃO, 55
Duzia \$40; 100, 2\$80; mil, 25\$00
Pedra grande, duzia, \$80

Serviço de livreria de A BATALHA
Livros em Esperanto

Angla Lingvo sen Professore	Comédia em 1 acto de <i>Tristan Bernard</i> , traduzida por Gaston Moch. 1 volume de 44 páginas	5\$00	bowski, 1 volume de 38 páginas.....	3\$00	
Aspazio	Tragédia em 5 actos de <i>Svjento-hovskij</i> traduzido pelo dr. Leona Zamenhof. 1 volume de 157 páginas.....	8\$00	Hebreaj Rakontoj	Contos humorísticos de <i>Salom-Alechem</i> , traduzidos por Is. Mučnik. 1 volume de páginas.....	6\$00
La Avarulo	Comédia em 3 actos de <i>Molière</i> , tradução de Sam Meyer. 1 volume de 64 páginas.....	5\$00	Historio de la Lingvo Esperanto	Desde 1887 a 1900. Assunto sempre versado nos exames commentares de Esperanto. 1 vol. de 74 páginas.....	6\$50
La Barbro de Sevilha	Comédia em 4 actos de <i>Beaumarchais</i> , tradução de Sam Meyer. 1 volume de 64 páginas.....	4\$00	Imenlago	Novela de <i>Theodor Storm</i> , tradução de Alfred Bader. 1 volume de 33 páginas.....	3\$00
Bildotabuloj	De <i>Thora Goldschmidt</i> . Excelente para conversação e para fixar palavras, com inúmeras estampas elucidativas; é indispensável. 1 volume encadernado....	15\$00	La Interrompita Kanto	Pela <i>Sino. Orseszho</i> , tradução de Dr. Kabe. 1 vol. de 79 páginas..	3\$50
Chaves de Esperanto	Pequenas, absolutamente portáteis, esplêndidas como auxiliar e para propagação, contendo gramática e vocabulário....	5\$0	Kantje	Peca em 4 actos de <i>Paul Späak</i> ; tradução do dr. Wyan der Biest. 1 volume de 111 páginas.....	8\$00
Elektilaj Poemoj	De <i>Henri Heine</i> , tradução de Friedrich Pillath. 1 volume de 100 páginas.....	2\$60	Kanto de Triunfanta Amo	Por <i>Ivan Turgenev</i> , tradução de dr. Andree Fiser. 1 volume de 32 páginas.....	2\$00
La Elementoj kaj la Vortfarado	De <i>Ceter</i> , Gramática e sintaxe em Esperanto. Muito interessante. 1 volume de 64 páginas.....	5\$00	Kurludo de Toroj	Original de <i>A. Carles</i> . 1 volume de 50 páginas.....	3\$50
Esperanto et Croix-Rouge	De <i>Bayol</i> , Em francês e Esperanto, com a terminologia militar e de enfermagem; precioso para conferencistas militares, 1 volume.....	2\$50	Kurso Tutmonda laŭ la Metodo Natura	Original de <i>Emile Gasse</i> . 1 vol. de 57 páginas.....	2\$50
Enciklopedio Vortareto Esperanta	De <i>Verax</i> , com explicações em Esperanto e tradução em francês. volume de 284 páginas.....	20\$05	La Kvar Evangelioj	Reúniões num conto pelo padre Laisney. 1 volume de 196 páginas.....	8\$00
Esperantaj Poemoj	De <i>C. Chr. Dreogendijk</i>	2\$30	Kvin Noveloj	De <i>L. E. Meyer</i> , tradução de diversos, 1 volume encadernado.	5\$00
Esperantaj Prozaĵoj	De diversos autores, 1 volume de 246 páginas.....	8\$00	Lupo, Hundoj kaj Homoj	Novela de <i>Adolph Dygasinski</i> , tradução de Br. Kuhl. 1 volume encadernado.....	2\$50
Fantomo en Zubló	De <i>Kolomano Mikszath</i> , tradução de Eugenio Forster.....	4\$00	La Rego de la Montoj	Romance de <i>Ed. About</i> , traduzido por Gaston Moch, com lindas ilustrações de Gustavo Doré. 1 volume de 243 páginas	12\$00
Fatala Suldo	De <i>Leonel Dalsace</i> , obra teosófica traduzida por E. F. Cense. 1 volume de 318 páginas.....	12\$00	La Revizoro	Comédia em 5 actos de <i>N. V. Gogol</i> . 1 volume de 100 páginas..	8\$00
Fraulinio Suzano	Novela por <i>Avejenko</i> , tradução de P. Medem. 1 volume.....	3\$00	La Rompantoj	Cinco monólogos, com estampas intercaladas no texto. 1 volume de 44 páginas.....	4\$00
Frenozo	Dois dramazinhos em 1 acto, originários de <i>F. Pujula-Vallés</i> . 1 volume de 40 páginas.....	3\$00	L. Rabistoj	Drama em 5 actos de <i>Schiller</i> , 1 volume de 144 páginas.....	10\$00
Fundamenta Krestomatio	Compilação de <i>L. L. Zamenhof</i> , autor do Esperanto. Exercícios, fábulas, contos, artigos sobre Esperanto, poesias, etc., livro que todo o principiante deve adquirir. 1 volume de 460 páginas.....	15\$00	Matematika Terminaro	Por <i>Bricart</i> , 1 volume de 60 páginas.....	5\$00
La Fando de l' Mizero	De <i>Vaclav Sieroserski</i> , tradução do dr. Kabe. 1 volume de 83 páginas.....	3\$00	Mistero de Doloro	Drama de <i>Adrlé Qual</i> , traduzido do catalão por F. Pujula-Vallés. 1 volume de 96 páginas	3\$00
Georgio Dandin	Comédia em três actos de <i>Molière</i> , engraçadíssima. 1 volume de 52 páginas.....	6\$00	Monadologio	De <i>Leibnitz</i> , traduziu Reltor E. Boirac. 1 volume de 31 páginas	3\$00
Halka	Opera em 4 actos, texto de <i>Wolski</i> , tradução de Antoni Gra-	15\$00	Plena Vortaro Esperanto-Esperanta kaj Esperanto-Franca	Por <i>Emile Boirac</i> , 2 volumes de 430 páginas.....	30\$00

TODOS OS PEDIDOS de livros devem ser feitos por meio
de carta registada na qual será enviada a importância respec-
tiva, acrescida do correspondente custo do porte de correio e
registro.
Os preços de porte são os seguintes:
Continente — Pacote até 2 quilos, cada 50 gramas, \$10. Encomendas postais, até 1
quilos, 550.
Brasil e países da União Postal — Pacote até 2 quilos, \$32 cada 50 gramas.
América do Norte — Pacotes até 5 quilos, 850.

arrastadas para um recinto próximo do santo lugar,
despojadas de todos os fatos, foram obrigadas a dan-
sar, nuas, diante dos soldados católicos, de cuja bes-
tal sensualidade foram depois vítimas... Minha mãe
foi assassinada quando queria salvar minha irmã da
última afronta... minha irmã morreu, passados nove
meses, quando dava à luz o fruto do crime dum ca-
tólico... Frade, eu jurei vingar minha irmã!... jurei
vingar minha mãe! Morram os senhores, os nobres
católicos!
Quarto huguenote.—Eu sou de Montaland, junto a
Limoges. Três meses depois do novo édito, assistia
eu à prédica, com meu filho, quando vejo chegar um
bando de camponeses, à frente dos quais vinham dois
carmelitas e um dominicano, entram no templo e nos
assaltam de improviso... Meu pobre filho... que
não tinha ainda quinze anos... foi degolado com uma
foice... Frade, eu jurei vingar meu filho! Morra toda
a fradalhada!
O franciscano.—Mas fui eu que fiz essas coisas
de que vós vos fereis vingar? Cobardes! Scele-
rados!
O sapador, interrompendo o trabalho e olhando
sarcasticamente para o frade.—Oh! é a décima sétima
vez que ouço essa mesma resposta, pois és tu o déci-
mo sétimo tonsurado que eu condeno... Vês este pau-
sinho? Eu faço-lhe um sinal a cada represália... Quan-
do chegar à vinte e cinco, ficarei satisfeito... a filha
de minha irmã foi lançada vinte e cinco vezes à fu-
gueira... pelos padres católicos, sustentáculos do
papa!... Frade! na bíblia está escrito: «E em geral,
pagar-se há olho por olho, dente por dente, mão por
mão, pé por pé, ferida por ferida, queimadura por
queimadura». Ora agora, não te podendo queimar,
como devia, vou fazer-te cardeal...
E, dizendo isto, o aventureiro levou a mão à ca-
beça e, com a ponta da adaga descreveu um círculo à
roda do crânio; o frade compreendeu a significa-
ção de este medonho gesto, e soltou um grito ter-
rível...

Então os Vingadores de Israel derrubaram-no e
seguraram-no junto ao altar. O sapador passou o dedo
pelo fio da adaga e baixou-se...
Neste momento entrou precipitadamente um cava-
leiro, gritando:
—Que boa presa! que boa presa!... Uma dama
de honor de Jesabel!
A chegada da cativa suspende o suplicio do fra-
de, que fica estendido, amarrado, aos pés de Josefino.
Este levanta-se, lança à prisioneira, que era Ana Bell,
um olhar demorado, e em seguida estremece, oculta a
cara com a mão e começa a chorar...
Tinha-se lhe figurado ver naquela rapariga sua so-
brinha Hêna, a pobre mártir tão pranteada!...
Este homem inexorável conservou-se alguns mo-
mentos entregue a estes tristes pensamentos, no meio
do profundo silêncio dos Vingadores de Israel.
A dama de honor está trânsida de medo. Reconhe-
ceu estar em poder desse terrível Torto cuja ferocida-
de horroriza os católicos.
O sapador enxugou uma lágrima com as costas da
mão, e, dirigindo-se a Ana Bell, disse-lhe brusca-
mente, depois de lhe fazer sinal para que se aproxi-
masse:
—Tu és dama de honor da rainha?
Ana Bell, com voz trémula:—Sim, senhor, Perten-
ço a Sua Magestade a Rainha.
Josefino.—Donde vens?
Ana Bell.—De Meilleret. Cançada da viagem, tinha
lá ficado a descansar, e ia agora reassumir o meu lu-
gar junto da rainha... O meu guia perdeu-se no ca-
minho, e os vossos cavaleiros fizeram parar a minha
liteira... Tende compaixão de mim... e mandai-me
à presença do sr. príncipe de Gerolstein... Ouso con-
tar com a sua cortezia...
Josefino.—A que horas partistes de Meilleret?
Ana Bell.—Cerca de uma hora da manhã.
Josefino.—Estás mentindol... São apenas cinco
horas... tu vinhas em liteira, e são precisas oito ho-

ras para vir de Meilleret aqui, a cavalo e apressando
o passo.
Ana Bell, tremendo e balbuciando:—Conjuro-vos,
senhor, a que me façais ir à presença de Frantz de
Gerolstein... é a única coisa que reclamo da vossa
bondade...
O sapador, admirado da insistência da dama de
honor em ser apresentada ao príncipe, olha desconfia-
do para ela e diz:
—Apalpem esta mulher, e passem-lhe busca às
algieiras!
Dois huguenotes executam a ordem e tiram das
algieiras da dama de honor uma bolsa, uma carta e
um frasco de oiro...
O sapador abre a carta, lê-a, parece interrogar o
sentido duma frase que lhe pareceu ambigua, e fica
um momento pensativo.
Depois, como se uma súbita revelação lhe fôsse
feita, lançou um olhar terrível à dama de honor, exa-
minou atentamente o frasco, e, mostrando-o a Ana
Bell, perguntou-lhe:
—Mulher, o que contém este frasco?
Ana Bell, a custo:—Eu... eu... não sei...
Josefino, soltando uma gargalhada sarcástica.—Ahl
não sabes... Miserável criatura!... Tens a audácia
duma grande criminosa...
Ele aproximou-se lentamente da rapariga, agar-
rou-lhe num braço, e, chegando-lhe o frasco aos la-
bios, disse-lhe:
—Bebe já isto, ou eu apunhalo-te.
Ana Bell, aterrada, desfalecendo, cai de joelhos:
—Perdão!... Perdão!... Peço vos perdão!... Pieda-
de!... Misericórdia!...
Josefino.—Envenenadora!
Ana Bell, de joelhos, esconde o rosto com as mãos
e começa a soluçar. Os huguenotes entreolham-se com
espanto.
Josefino.—Irmãos... escutai a leitura da carta que
acabais de tirar da algieira desta mulher:
«Minha querida, chegou de Paris um correio de



DOCTRINAS POLÍTICO-SOCIAIS

“O SINDICALISMO”

(Conferência pelo nosso camarada Manuel Gonçalves Vidal, em 6 do corrente, na Universidade Popular Portuguesa)

As aspirações humanas como factores de evolução

As condições da existência humana nas sociedades modernas, não são possíveis no isolamento e desconhecimento de qualquer extremo pelo que se passa no outro. Os meios de comunicação e transmissão do pensamento pondo em contacto o espírito humano, criando em todos os povos um sentimento de fraternidade vieram também criar e fortalecer a tendência do nívelamento geral das condições materiais da existência, de que resultava e resulta um maior bem estar, sem se atingir contudo a satisfação integral dos sentimentos da alma, dada a intensidade incoercível dos vãos do pensamento.

Algumas correntes filosóficas da antiguidade, sobre a conquista da felicidade humana, prescreviam a solução do problema na acção interna da abstenção, do estoicismo e resignação, sem qualquer reflexo e influência directa no organismo social.

A evolução dos povos manifestou-se, porém, por uma irradiação constante dos sentimentos individuais e pela sua infiltração em todas as esferas sociais, o que se deduz da ascensão épica descrita pela humanidade. A força motriz de todo esse avanço e dessa transformação prodigiosa, na forma subjectiva e objectiva da vida, é sem dúvida a conquista da felicidade. Mas isso pode-se definir, talvez por um ponto luminoso, intangível, no infinito, que enche de luz inebriante a nossa natureza psíquica e que não podemos transportar aos domínios da realidade.

Não creio na felicidade de todos os seres à natureza; a menos que a felicidade perca toda a sua grandeza espiritual para se tornar um facto banal do mais puro materialismo.

Se todo o objectivo da actividade humana se resume afinal, ou tende e nos impele para a conquista da felicidade, quando tivermos alcançado esse objectivo teríamos atingido o nosso fim, e portanto cessaria toda a razão de ser da nossa própria existência. Pois que atingido esse estado culminante deixaríamos de ser felizes, pela insipidez, pela monotonia, resultante da igualdade absoluta de impressões que ferissem a nossa sensibilidade.

Como toda a felicidade importa o sacrifício dum dor é preciso um estado de sensações opostas para se ter a consciência de qualquer delas.

O homem pode ser escravo e sentir-se feliz e pode ser livre e sofrer muito.

A concepção da felicidade varia sempre no tempo e no espaço.

O problema é, pois, mais de igualdade económica e liberdade. A liberdade que cada um tenha de dispor à vontade dos meios de satisfazer as suas necessidades, isto é, os meios de produção e a igualdade de condições materiais que permitam esse uso. Consoante a necessidade se desenvolve no homem, assim ele procura criar e desenvolver os meios de a satisfazer.

Não me parece rigorosamente exacta a concepção materialista da história, formulada por Marx, de que o modo de produção material determina todo o processo social, moral e espiritual dos povos.

Mais me parece que processo social, moral e espiritual determina o modo de produção, sendo este que influe naquele. Isto é, se os meios de produção podem alargar as nossas necessidades, antes as nossas necessidades forçam a intensificação dos meios de produção. O mais que pode haver é uma reciprocidade de causa e efeito.

A rigidez e a exatidão da concepção marxista pode conduzir-nos, por via directa, ao conceito autoritário.

Admitida a infalibilidade da fórmula teríamos que aceitar que uma modificação autoritária, brusca, do modo de produção determinaria novo processo social, moral e espiritual. E isto seria crer que a forma determinava a substância; esquecendo o valor da espontaneidade, voluntariedade e iniciativa, que tanto mais se afirma e progride quanto mais amplo for o campo da liberdade.

Dada pois ao homem a liberdade de acção, todo ele encontra no trabalho o meio de satisfazer as suas necessidades, desde que disponha dos meios indispensáveis.

O trabalho é, por conseguinte, um movimento consciente, determinado, conducente à realização dum fim racional cujo objectivo é o nosso desejo. Mas é simplesmente um meio como a nutrição o é também. O objectivo e sujeito é a Vida.

A cooperação ao serviço do menor esforço

E' sabido que o homem procura obter sempre o maior proveito com o menor dispêndio de energia excepto em arte.

Os trabalhos artísticos deleitam quasi sempre o espírito do artista. Sente-se um certo prazer, um contentamento íntimo, ou uma agradável emoção quando executamos um trabalho de arte em que se reflecte mais ou menos o nosso carácter, as nossas tendências ou imagens exteriores, quer se maneje a palheta, quer se maneje um pincel, um cinzel ou um buril.

De resto quasi todos os trabalhos de carácter material, utilitário procuram-se obter a maior produção com o menor trabalho e como os meios de satisfazerem as nossas necessidades, são sempre inferiores a estas, visto o seu constante crescimento e multiplicação, sucede que precisamos dum curso exterior: A Cooperação e a Solidariedade.

E hoje temos já perfeita consciência da indispensabilidade destas duas alavancas do progresso.

O trabalho isolado dum homem não o pode satisfazer a si nem aos outros. O processo de produção rudimentar dava-nos um dispêndio de energia muito violento, sem que o seu rendimento fosse compatível com as nossas necessidades de consumo.

Daf ligarmos-nos com os nossos irmãos de trabalho e estudarmos a forma mais prática de tirarmos o maior proveito com o menor dispêndio de energia (le do menor esforço), criamos o processo de cooperação, a máquina a vapor, a mecânica, especializarmos os serviços, exercendo cada um uma função

especifica e correspondendo estas a um fim comum.

Dada, por conseguinte, esta União dos trabalhadores e do espírito de sociabilidade inerente, surge a sua organização de classe e o reconhecimento que daí advem para terçar armas no campo da luta contra a força multi-secular que o tiraniza.

Começa por melhorar as suas condições económicas no que respeita ao salário, horas de trabalho e suas condições sociais e morais: higiene, assistência, conforto, etc., mas isso não basta para enfraquecer as forças patronais. A burguesia dispõe doutro recurso.

Forçada por um lado a conceder regalias ao operário, na sua condição de produtor, ia imediatamente tirar-lhes na condição de consumidor.

Regulando o preço dos produtos e a sua afluência ao mercado, podia, deste modo, restringir o poder de compra e então o maior salário nem por isso tinha maior valor de aquisição. As condições económicas quedavam-se as mesmas. Havia quando muito um aumento de valores nominais.

Esta emergência força o operário a compreender que tem que dirigir a sua acção num duplo sentido: Reclamar melhoria nas condições de trabalho e escassez de produtos, o que era humano e justo não só para si como para toda a colectividade.

De algum modo os progressos da mecânica contribuíam para isso. O que não quer dizer que nos países de maior desenvolvimento industrial, as condições do operário sejam em absoluto melhores. Não. E' que a uma melhoria de situação corresponde um maior número de necessidades, como já se disse. E tanto assim que a burguesia não deixou de aumentar os seus capitais exercendo também maior predomínio na vida do povo.

Explica-se deste modo o receio que, durante tanto tempo, algumas classes tiveram, da introdução mecânica, por verificarem que o industrial a adoptava para forçar a concorrência do braço, dispensando aqueles a quem o rendimento da máquina substituíra.

A breve, trecho, pelo resultado ineficaz da luta que a experiência demonstra, as classes reconhecem a conveniência de estreitar as relações recíprocas, abandonando, a pouco e pouco, a tática corporativa isolada para adoptar um processo amplamente social e solidário, altamente comum.

E como a novas funções correspondiam novos órgãos, surgiu a conclusão lógica da instituição de organismos que ligassem devidamente o operário sob a bandeira de interesses comuns, equilibrando-se as necessidades e as forças proletárias e tornando o sólido e efectivo o apoio mútuo.

E' então que o Sindicalismo surge em toda a pujança da luta de classe e esta passa de luta económica a uma luta simultaneamente política. E para corroborar permitam-me que transcreva um período de *O Sindicalismo*, de Henrique Leone:

“As forças de competência do trabalho com o capital de onde deriva o sindicato não se detêm; estimulam-nas, pelo contrário, os benefícios intermédios alcançados que são outros tantos êxitos aproximações, em resultado de qualquer competência, uma tendência para a paridade nas condições económicas, e como consequência o desaparecimento das classes.

A elevada capacidade operária como consequente efeito das primeiras vitórias sindicais, habilita melhor a classe trabalhadora a compreender os interesses longínquos.

Mas uma vez já neste estádio ulterior, a luta sindical vai-se generalizando. A luta do sindicato isolado, com a greve isolada, cede o lugar à luta de classe organizada.

E' neste período que melhor se percebe que toda a luta económica é uma luta política.

O conceito da expropriação capitalista surge como uma planta do próprio terreno da cultura, e reforçado e tornado intrínseco com a força da competência sindical, começa a dominar toda a acção operária. Quando chega a este ponto cada categoria de trabalhadores organizados sabe que defende um sistema comum a todo o movimento proletário geral.

E deste modo a chamada consciência socialista não é a causa mas o efeito dum amplo e elaborado processo de interesse de classe. Como tal, não deve nem poder constituir o princípio informativo da acção inicial das classes trabalhadoras agrupadas nos próprios órgãos de ofício.”

Esta asserção é mantida em 1906 pelo autor.

Após 19 anos de intenso e fecundo movimento sindical a finalidade ideológica embrionária do Sindicalismo, para a expropriação económica da burguesia e consequente desaparecimento do Estado político-burguês, torna-se o objectivo de uma necessidade sentida por todo o operariado organizado; e é em torno deste acto decisivo que gira toda a sua acção.

O sindicato tem, pois, bem legítimamente, gravado este lema: Luta contra o patronato e contra o Estado; expropriação económica da burguesia.

Compreende-se todavia que este desiderato só se atinja pela melhoria constante e momentânea das condições económicas da classe trabalhadora, o que contribui para elevar a sua mentalidade ao plano necessário para tornar efectiva essa colossal tarefa.

O treino resultante da acção quotidiana, as vitórias, os próprios reveses, constituem um método de experiência indispensável para avaliar a eficiência de todo o movimento. E se uma melhoria parcial parece levar-nos a uma situação acomodaticia e ao enfraquecimento da intensidade do combate, nem por isso a acção decal do âmbito largo e fecundo das aspirações de liberdade e finalidade socialista para uma fase egotista.

Sabido é que a miséria económica determina a miséria moral, o depauperamento tolhe todas as energias e não permite o afluoramento do brio e dignidade pessoal, a percepção nítida do direito que é o apêndice do operário consciente. Portanto o critério simplista de quanto pior melhor é errado.

As condições da existência futura têm de ser gradual e metódicamente preparadas nas condições presentes.

A MOCIDADE PROLETÁRIA E O HORÁRIO DE TRABALHO

Tese a apresentar ao II Congresso Nacional das Juventudes Sindicalistas pela Comissão Organizadora

Preâmbulo

No I Congresso Nacional das Juventudes Sindicalistas apresentou o nosso malgrado camarada Diogo Homem Júnior, uma tese sobre *Defesa moral do aprendizado*, sendo nesse trabalho escarpado, enérgico, camente o tratamento rude dos trabalhadores adultos para com os aprendizes, e evocado o amor artístico dos nossos antepassados, terminando por propor a nomeação dum comissão pró-defesa do aprendizado, que todavia—salvo erro—não chegou a fazer nada em seu favor.

Mas contudo essa tese foi um trabalho incompleto, porque pouco ou nada se referia à maneira tórva como o aprendiz é tratado pelo patrão, porque, além da contestável evocação do passado, não explica a razão da deficiência artística do operário e não apresentou, ao menos em simples linhas gerais, um plano concreto de acção capaz de ser posto em prática.

Não basta evidentemente a nomeação dum comissão se não se lhe apresentar uma directriz, um plano, sobre o qual deve actuar.

A presente tese procura preencher esta lacuna assás importante e concretizar, indicando sobre um plano prático, o que de vago e incompleto possuía a tese de Diogo Homem Júnior.

Quando às duas primeiras deficiências notadas—O aprendizado perante o patronato e o amor artístico dos nossos antepassados—pouco temos a dizer, porquanto o nosso fim agora não é exclusivamente escarpado erros e males que todos conhecem e sentem, mas apresentar um plano de acção pró aprendizado que deve ser imediatamente posto em prática.

A maneira brutal como muitos profissionais tratam os aprendizes é um mero reflexo da ascendência brutal dos patrões e faz como que parte integrante do sistema patronal. E' um detalhe apenas.

Registemo-lo—como um dos múltiplos aspectos da tirania—e passemos adiante. Quanto à deficiência artística do operário, na actualidade, achamos a razão desse facto absolutamente natural.

São suas causas predominantes:

1.º O crescente mal estar económico diminuindo inversamente o valor dos salários e portanto aumentando a miséria do proletariado e tornando-o cada vez mais inapto para trabalhos de grande folego artístico. O pauperismo é incompatível com a arte.

2.º O mercantilismo moderno que, invadindo a indústria e o comércio, procura cada vez maiores e mais rápidos lucros para o insaciável capitalismo mesmo que seja à custa do aperfeiçoamento da mercadoria. E, quer seja provocada pelo capitalismo, na sua ansia avara de lucros, quer pelo proletariado, pois sempre houve rebeldia em fazer uma boa obra que não reverte em seu favor, o certo é que os devemos esperar um completo renascimento da Arte profissional, na sociedade de amanhã, quando tivermos a certeza de que ela reverte em prol da comunidade e não em benefício da minoria acambaradora do património comum. Não queremos deixar de vos apresentar também as causas principais do aperfeiçoamento artístico doutroa. Se remontarmos à Idade Média observa-se que foi devido ao progresso das comunas e uniões de ofício que floresciam nas cidades livres.

Os operários viviam bem, e podiam entregar ao aperfeiçoamento da sua obra largas horas de fecundo labor.

Mas sabe-se que todo este promissor movimento das comunas medievais, que estendendo-se durante dois séculos por toda a Europa nos legou a maior soma de trabalhos artísticos que hoje se ostentam, em todos os domínios da Arte e da Ciência, que nos deu à par das grandes obras de arquitectura, de pintura, escultura e artes utilitárias, quasi todas as grandes invenções, descobertas e filosofias hoje espalhadas e conhecidas como directrezes da inteligência humana, sabe-se que todos estes centenares de focos palpitantes da vida foram amodagados e extintos com a astúcia e com a força pelos reis e senhores feudais de cumplicidade com a Igreja nascente, sabe-se que durante um século foi desenhada uma guerra exterminadora, sendo assassinados em menos dum século, na Europa Central, mais de duzentos mil camponeses. Consequência disto foi um amolecimento geral, a fortificação do feudalismo, a exploração da gleba e guerra do obscurantismo vencedor contra todo o palpitante de vida no povo trabalhador.

Desde então a vida do trabalhador não tem passado dum escravidão, agravado pelo nascimento do capitalismo. A par disto havia a falta de maquinaria, a pequena variedade de produção e a falta de consciência, no proletariado, dos seus legítimos direitos. A obra seria, é certo, mais perfeita, mas não teríamos saídas desses tempos de servilismo. A' custa de quantas imensas horas de trabalho, de quantos séculos não retribuídos, ela se fazia!

Hoje, devemos encaminhar-nos para a perfeição da obra de trabalho mas por meio da emancipação dos trabalhadores conferida pelo direito incontestável da Revolução.

Só então poderemos voltar mais perfeitamente, mais livremente, aos belos tempos dos nossos avós das cidades livres, que viam morrer as suas obras de progresso, extinguir-se a sua vida cheia de força nas mãos da Reação.

Contudo actualmente a mocidade proletária tem de conquistar, para si, uma regalia especial e imediata tal que obrigue o patronato a respeitar condignamente a sua condição de aprendizes.

Evidentemente, a hora não é de produção mas de luta feroz e fatal que só terminará com a queda do Capitalismo. As sociedades capitalistas chegaram emfim ao ponto culminante da sua história. Os seus defensores iludem-se lamentavelmente pensando que ela continua na sua marcha quando é certo que o seu declínio já começou e nada o conseguirá deter, até chegar à eclosão da Revolução Social. Ora, dentro de todas as fases da luta social, destaca-se uma que é essencialmente revolucionária porque denota um alto grau de consciência e de parte dos que a praticam—é a conquista de menos horas de trabalho.

A concepção que deu origem a esta campanha, que tanto sangue e tanta luta tem custado, é humanamente justa e bela.

Não é, como comensalmente se pode pensar, o intuito mandrário de trabalhar menos, mas a consciência de que não vale a pena trabalhar para goso particular dum minoria—o capitalismo—que não produz, que não trabalha.

E assim, é absolutamente compreensível por que o proletariado deve, na sociedade capitalista trabalhar o menos possível, tendo em vista a super-produção e por consequência, as constantes crises de trabalho com o seu cortejo de fome e miséria.

O trabalho só pode ser, justamente, regulado pela maior produção numa sociedade—o comunismo livre—em que todos os homens trabalhem produtivamente.

Pensadores e homens de sciencias têm demonstrado que bastaria um trabalho de 3 a 4 horas diárias para que a produção chegasse, sem haver a temer nem a falta de produção, nem a super-produção que, neste regime infimo de exploração, é um dos grandes cancro da Sociedade capitalista.

Não haveria nada a menos nem nada a mais, mas simplesmente haveria o necessário, sem desequilíbrio algum para os habitantes da terra. Evidentemente que a diminuição das horas de trabalho reclamada pelo proletariado traz a burguesia assustada, a qual pondo em prática a baixa de salários procura assim, jogando com a fome, faz-lo trabalhar horas suplementares, estranhando assim qualquer reclamação para a diminuição de horas. Mas contudo se todos fossem obrigados a trabalhar em interesse de todos—e não a maioria em interesse exclusivo de não duzia de egostas vis—assim, é humanamente justo que os trabalhadores façam menção de largar a carga secular, trabalhando menos horas cada vez mais até que se compreenda que, só quando todos trabalhem igualmente, a produção crescente poderá ser exigida.

Se é certo que muitos proletários beneficiaram das 8 horas para entrarem para a taberna,—tudo por obra e graça do capitalismo—é certo também que os benefícios desta trágica campanha têm sido grandes. Abrirem-se mais amplamente as portas dos sindicatos e das escolas aos produtores, levou-se emfim ao seio da família um pouco mais de descanso, de harmonia e de prazer, que não havia quando o servo da gleba e o mecânico da cidade trabalhavam de sol a sol.

Trabalhar o menos possível, tal é o lema justo que deve ser seguido enquanto subsistirem as actuais causas do mal estar social.

Mas se encaramos a leição deste movimento de rebeldia sob o ponto de vista juvenil, ele diverge um tanto.

A-pesar desta opressão tirânica e feroz que nos envolve, da podridão que nos aflixia, a mocidade não perecerá.

Ao passo que nos nossos pais há uma decadência manifesta, bafejada apenas pelos ventos da revolta, dentro de vós nasce e renasce continuamente uma força nova que sobreviverá à derrocada.

Se constatarmos a existência desta força renovadora da mocidade, temos o dever de estudá-la de modo que possamos torná-la, possivelmente, ainda mais forte, mais consciente e mais útil. E estudá-la é fazer da juventude uma legião de homens livres, livres pelo intelecto, livres pelo coração, livres em todos os actos, mesmo os mais insignificantes, da sua vida pessoal e social.

Esta campanha, essencialmente humanitária, procurará fazer de cada jovem que trabalha, um ser instruído e educado, ao mesmo tempo que um revolucionário.

Não se trata de conquistas materiais—pró ventre—que obliteram sempre as qualidades revolucionárias, mas de conquistas morais que aumentem aquelas qualidades firmando-as solidamente.

E' preciso que a juventude ingresse no ensino profissional, artístico e científico, com a certeza de que os benefícios desta decisão são um pacífico acto revolucionário, que se reflectirá—quais sementes lançadas à terra—no futuro, na Sociedade que almejamos.

Ora este desiderato não se pode atingir com o actual regime das 8 horas de trabalho.

Analisemos este assunto rapidamente. Há profissões onde os jovens trabalham mais de 8 horas, como por exemplo os camponeses e em muitas fabricas, onde são obrigados a fazerem horas suplementares, não podendo, por consequência, ainda que a muito custo, frequentar a escola da noite, não havendo por isso para estes a possibilidade de estudar.

Para o jovem que trabalha taxativamente as 8 horas a entrada e regular frequência numa escola industrial é possível, mas à custa de sacrifícios, de aborrecimentos, mal descansando da labuta do dia.

O jovem procura, salvo raras excepções, tirar o curso com uma perna às costas, tal qual nos liceus, ansioso de chegar ao fim. Há já algum tempo e a respeito de Reforma do Ensino, o professor Emilio Costa publicou na *Batalha* uma série de interessantes artigos, nos quais se confirmava perfeitamente esta observação cheia de realidade.

A frequência às aulas, o aproveitamento escolar estão muito longe—na realidade—do que elogiam as teorias.

Se o jovem quer aprender sai apressadamente da fabrica para casa, às vezes distante, como à pressa o jantar (e há os que vão para a escola sem jantar) e vai para a aula.

Na aula, fatigado da labuta do dia, bocejando e sonolento, adormece breves lições de tudo, que lê só uma vez para dizer ao mestre, e pronto.

Não tem tempo para estudar em casa sem a excitação tão prejudicial e condenada pela sciencia pedagógica.

O estudo que se não faz na calma, no silêncio dum gabinete e ao abrigo das pressas tão contraproducentes, é estéril, gasta e pouco ou nada constrói.

Ouvimos dizer aos estudantes burgueses que não têm às vezes tempo para estudar. Quão espantoso e digno de admiração não é, então, o facto do proletário que trabalha todo o dia, em condições péssimas de violência e de higiene, e que ainda arranja tempo e pachorra para frequentar as aulas nocturnas!

Este paralelo é bem digno de se frisar e estas considerações levam-nos à conclusão de que o regime das oito horas de trabalho é demasiado para a mocidade, e está por

consequência condenado a ser reduzido, para que a nova geração não seja composta de analfabetos, inaptos para o trabalho.

Nos congressos das Escolas Industriais e Comerciais, alvitram-se bastantes reformas, mas ninguém se lembrou, no entanto, de que a principal era a de obter mais tempo para o estudo, sem que significasse esta regalia uma esmola complacente do patrão, mas a conquista dum direito inofensível.

Estes congressos de manifesta utilidade, teriam completado a sua missão se os jovens lá reunidos tivessem proposto e exigido a diminuição do actual horário para 6 horas de trabalho. E' aqui que está a principal deficiência do ensino técnico ministrado à juventude trabalhadora. E era por aqui que se devia ter começado.

No entanto concretizemos: A razão por que os estudantes proletários das Escolas Técnicas não fizeram a reclamação de menos horas de trabalho, está em que os dirigentes dos seus congressos não eram revolucionários e não viram, por isso, a causa do mal.

Ver isso, era ver o capitalismo e toda a sociedade pelo nosso prisma, o que prova a razão e a clarividência da nossa ideia. Compete, portanto, a nós, jovens sindicalistas, colocar o dedo na chaga.

Compete-nos agitar a opinião pública em geral, a nosso favor, influenciando directamente o patronato, exigindo-lhe a diminuição das horas de trabalho e pedir à Organização Operária o seu apoio material e moral a favor das nossas humanitárias pretensões, e usando de todos os meios verdadeiramente revolucionários para as conseguir.

E' necessário primeiro uma boa preparação em toda a mocidade trabalhadora, explicando as causas e objectivos da campanha pró 6 horas de trabalho, independente de salários que os patrões venham a propor como compensação e que não deve ser aceite sob principio algum.

Quando ao auxílio da C. G. T. deve começar por pôr em prática as seguintes conclusões da tese *A defesa das mulheres e menores no trabalho*, aprovada no I Congresso Confederal realizado há pouco em Santarém:—Que os menores sejam necessários para frequentar as escolas, desde que esse tempo seja abrangido pelo horário de trabalho.

Fixação da idade mínima de admissão do aprendizado nos 15 anos por ser essa a idade mais própria para se reconhecer a sua vocação profissional e ainda porque lhe dará tempo a concluir os estudos primários.

Como no entanto estas conclusões não nos satisfazem amplamente, deve-se pedir à C. G. T. e por consequência a toda a organização proletária, para fazer por intermédio dos sindicatos, nas diversas terras do país, uma forte pressão sobre o patronato renitente, e a sua acção em resumo, será de luta em apoio da acção pró 6 horas e de controle, para que seja respeitadas as regalias obtidas. De resto nada se pode esquentar sequer, numa tese, a distância dessa acção.

A nossa missão foi apontar um caminho, uma saída, e é só no campo de acção a realizar, que a tática se combinará, a melhor, a mais segura e certa sob todos os pontos de vista.

O comité federal deverá ter por missão principal e imediata iniciar esse movimento pró 6 horas de trabalho, combinando a acção a desenvolver com todos os organismos, quer proletários quer educativos, que nessa campanha sejam convidados a colaborar.

Camaradas congressistas: Afirmando bem alto o nosso desejo de instruírmos e o nosso valor moral, reclamando à Sociedade de Hoje aquilo que nos reclamam por sua vez, a Sociedade de Amanhã, e que o lema das Juventudes Sindicalistas seja: Instruir é Construir.

Conclusão

O II Congresso Nacional das Juventudes Sindicalistas resolve:

1.º Que se reclame do patronato por intermédio da organização operária, seguindo os métodos revolucionários da luta de classes, o dia de 6 horas de trabalho, a fim da mocidade proletária poder ingressar nas escolas industriais e aplicar-se aos estudos profissionais, artísticos e científicos.

2.º Que se reclame à C. G. T. para ser posta em prática as conclusões da tese *A defesa das mulheres e menores no trabalho*, aprovada no I Congresso Confederal de Santarém, e em especial a conclusão 5.ª que preconiza a fixação da idade de 15 anos para o jovem poder ingressar no aprendizado.

3.º Que o comité federal inicie imediatamente a campanha de propaganda pró 6 horas de trabalho por todo o país, reclamando para esse efeito a solidariedade moral e material da C. G. T. em conformidade com as resoluções dos congressos da Covilhã e Santarém e da A. I. T.

4.º Que esta resolução seja comunicada à comissão organizadora do IV Congresso das Escolas Industriais e Comerciais, fazendo-lhes ver a sua razão primordial e reclamando o seu apoio para esta campanha.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Caixa de Solidariedade dos Vendedores dos Jornais.—Reúne-se hoje pelas 17 horas, a direcção, conselho fiscal e comissão de revisão.

Reúne no domingo, 11, pelas 19 horas, em assembleia geral de reconsideração, com a seguinte ordem de trabalhos: Reconsideração de estatutos, estipulação de cotas, escolha de emprego de capital.

Cooperativa dos Estofadores.—Reúne-se hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral para discutir o relatório e contas, nomear novos corpos gerentes e outros assuntos.

Um deputado de delito comum

ANGORA, 8.—O Tribunal da independência concluiu o julgamento do deputado Tahine Bey, cujas imundades parlamentares haviam sido já suspensas, tendo sido condenado a dez anos de trabalhos forçados por crime de direito comum.—(14.)

Vida Sindical

C. S. T.

Conselho geral

Reúne hoje, pelas 20 e meia horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º Resolver sobre um ofício da União Têxtil. 2.º Circulares n.º 55 e 56 da C. G. T. 3.º Criação das Secções e Juntas Sindicais. 4.º Apreciação dos balancetes das últimas gerências e nomeação da comissão revisora de contas.

COMUNICAÇÕES

S. U. Metalúrgico.—Tendo chegado à comissão de melhoramentos uma queixa do camarada Alvaro de Almeida contra alguém que o tem difamado, acusando-o de em tempos ter traído uma greve em Lourenço Marques, a comissão resolveu convidar todos os quantos conheçam alguma coisa em desabono do camarada em questão a comparecerem na sede do Sindicato, amanhã, pelas 21 horas. Os que por cobardia ou insegurança de critério não comparecerem serão relegados para a situação de vis caluniadores.

—A comissão administrativa, na sua última reunião, resolveu que as suas futuras reuniões ordinárias se efectuem às quartas-feiras.

Empregados no Comércio e Indústria.—Reúnem ontem a comissão administrativa que, de acordo com a comissão de melhoramentos, resolveu que as sessões de propaganda se iniciem imprerivelmente no próximo dia 15, no Alto de Pina, rua Barão de Sabrosa, 81, 1.º, e aprovou mais 6 sócios.

A comissão administrativa previne todos os associados que queiram adquirir o distintivo do sindicato, que o mesmo se encontra à sua disposição, na sede associativa.

Manufactores de Calçado.—Tendo chegado ao conhecimento deste organismo que alguns industriais pretendem pagar os salários aos seus operários por preços inferiores aos da tabela, resolveu este sindicato convocar a classe a reunir amanhã para tratar deste assunto.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM-SE HOJE: **Federação Mobiliária.**—Conselho Federal.—A's 20,30 horas, para continuação de trabalhos pendentes e apreciação do relatório do delegado ao Pórt.

S. U. da Construção Civil.—Secção do Alto de Pina.—Pelas 21 horas, a comissão administrativa.

Secção Profissional dos Pedreiros.—A comissão administrativa e os fiscais do horário de trabalho, às 20 horas.

S. U. Mobiliário.—A comissão administrativa, pelas 21 horas, com todos os seus componentes para assunto urgente. A's 21 horas, a caixa de solidariedade. A comissão de melhoramentos, às 20,30 horas.

Chauffeurs.—A convite de todas as associações de chauffeurs do país, a assembleia magna de sócios e não sócios, pelas 21 horas, no largo de São Domingos, 11, 2.º para assuntos de grande transcendência.

Pessoal de Camaras da Navegação de Longo Curso.—Em assembleia geral, pelas 18 horas, para tratar do seguinte: Eleição do secretário geral do Sindicato; apreciação do resultado das demarches da comissão ultimamente nomeada e outros assuntos.